

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

Curso de Psicologia



PUC-SP

Natália Zanatta Sena

A verdade tem uma estrutura de ficção: uma leitura lacaniana do fenômeno das *fake news*

SÃO PAULO

2022

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Curso de Psicologia

Natália Zanatta Sena

A verdade tem uma estrutura de ficção: uma leitura lacaniana do fenômeno das *fake news*

Trabalho de Conclusão de Curso como exigência parcial para a graduação no curso de Psicologia sob orientação da Profa. Dra. Maria Cecília de Moura

SÃO PAULO
2022

Sistemas de Bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo -
Ficha Catalográfica com dados fornecidos pelo autor

Sena, Natália Zanatta

A verdade tem uma estrutura de ficção: uma leitura
lacaniana do fenômeno das fake news. / Natália
Zanatta Sena. -- São Paulo: [s.n.], 2022.

72p. il. ; 12,5 x 7,5 cm cm.

Orientador: Maria Cecília de Moura.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) --
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
Graduação em Psicologia, 2022.

1. fake news. 2. Lacan. 3. discursos. I. de
Moura, Maria Cecília. II. Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, Graduação em Psicologia. III.
Título.

CDD

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer aos meus pais, Marco e Soraya, cujo apoio viabilizou minha empreitada de fazer da psicologia minha área de atuação. Agradeço pela confiança e pelo crédito, por assim darem espaço para que meu desejo florescesse nos caminhos que eu escolhesse.

À minha orientadora, Maria Cecília de Moura, cujas conversas me apaziguaram os ânimos e permitiram uma escrita mais fluida. Também ao professor Sérgio Wajman, pelo primeiro semestre de orientação e por ter topado e incentivado meu projeto.

Ao caro professor Raul Albino Pacheco, cujas aulas durante a graduação serviram de fagulha para meu interesse por Lacan e cujo abrigo nas aulas do NUPS me fazem crescer tanto academicamente quanto pessoalmente a cada semana.

Ao Fórum do Campo Lacaniano, escola que escolhi para chamar de minha.

Aos queridos João, Isabel e Denise, com quem tanto troquei sobre Lacan e Freud e que resignificaram para mim o sentido da palavra formação.

Às amigas com quem pude compartilhar frustrações, angústias e alegrias de todos os gêneros ao longo dos últimos cinco anos: Isabela, Dalila, Kimberly, Gabriela e Tatiana.

Agradeço também enormemente a todos que cruzaram meu caminho nesta jornada, mas cujos nomes não caberiam nesta singela homenagem. Cada risada e momento de acolhimento foram cruciais.

RESUMO

Em 2016, o termo "pós-verdade" foi laureado pelo dicionário de Oxford como a palavra do ano. No ano seguinte, em 2017, foi a vez de "*fake news*" ganhar título semelhante do dicionário Collins. Perante o cenário de disputas eleitorais, tanto no Brasil quanto em outros países como EUA e Reino Unido, o embate entre candidatos no tempo da pós-verdade é deslocado para uma guerra travada, majoritariamente, nas redes sociais: ao invés de ideias, projetos e fatos, o que dá o tom da disputa é o embate entre slogans pré-formatados e inquestionáveis por estarem ancorados em pessoas familiares, a partir de quem tais narrativas são compartilhadas. O objetivo do presente trabalho consiste em articular a psicanálise lacaniana, como disciplina que se debruça ao estudo da linguagem, à compreensão do fenômeno ao pensar como o processo de alienação é constitutivo do sujeito e como os discursos reproduzem a ideologia de seu tempo. Mais ainda, o trabalho visa demonstrar como a psicanálise, como uma praxis ética norteadada pela singularidade, poderia auxiliar na superação deste fenômeno emblemático de nossos tempos.

Palavras-chave: *Fake news*; Lacan; Discurso.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Figura 1. Representação gráfica da banda de moebius de autoria desconhecida. | 36 |
| Figura 2. Matemas dos discursos propostos por Lacan em seu Seminário 17 ([1969-1970] 1992) sistematizados por MAESSO (2015, p. 436). | 47 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1. PRÓLOGO | 7 |
| 2. MÉTODO | 10 |
| 3. INTRODUÇÃO | 13 |
| 4. PÓS-VERDADE | 17 |
| 5. PSICANÁLISE E VERDADE: de uma ciência à verdade indizível..... | 24 |
| 5.1 Psicanálise e ciência: uma conversa infinita | 24 |
| 5.2 Lacan e a linguagem como resposta | 28 |
| 5.3 A verdade tem uma estrutura de ficção..... | 40 |
| 5.4 Os discursos para Lacan | 45 |
| 6. ANÁLISE E CONSIDERAÇÕES FINAIS | 52 |
| 6.1 Fake news: o retorno do recalcado..... | 52 |
| 6.2 Sociedade de consumo e fake news..... | 56 |
| 6.3 Da intolerância à dúvida à resposta oferecida pela psicanálise | 59 |
| 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 64 |

1. PRÓLOGO

É 2018, ano que começa já com uma atmosfera de receio pairando. Ao ligarmos a televisão, nos lembramos da posse de Trump no ano anterior, porém as imagens da vitória de Macrom sobre Le Penn deixavam rastros ambíguos acerca do que nos esperava, criando um clima de incerteza sobre qual seria o futuro do nosso país, à qual corrente optaríamos, como nação, seguir. A condenação do ex-presidente Lula no ano anterior deixava desde cedo incerto o cenário político que enfrentaríamos no segundo semestre. Vivíamos ainda assombrados pelas falas dos deputados no julgamento do impeachment da ex-presidente Dilma e pelas imagens da condução coercitiva do ex-presidente e todo o grande espetáculo midiático do julgamento de Lula, culminando no fatídico powerpoint montado por Dallagnol, que marcaram o desesperançoso ano de 2016.

2016, ano também em que o termo '*fake news*' começa a despontar nos noticiários, anunciando a estratégia que levou Trump ao poder; a manipulação de informações e sua difusão através das mídias sociais anunciando que a batalha política agora havia mudado de campo e que o jogo era baixo. A poeira das manifestações populares de 2013 ainda não havia baixado; o clima de indignação difusa encampado, principalmente, pela elite, mas também encontrando ecos na classe média formatava uma esquerda em frangalhos, desmobilizada e desesperançosa ao ver seu projeto de mundo ruir e sua mobilização completamente cooptada. Enquanto isso, o governo Temer promovia um arrocho de direitos sociais sob o teto de gastos e políticas de austeridade francamente entreguistas.

Lembro de andar em direção à faculdade, na Paulista, em idos de março de 2016, e ser duramente hostilizada pelos manifestantes que ocupavam a principal avenida do Brasil em vigília em prol do golpe que derrubaria a presidente Dilma. Andar de vermelho pela avenida deixou de ser estatuto de resistência e se tornou quase um ato suicida. Se no começo da semana uma cusparada fazia as vezes desse ódio generalizado que dava as caras, no final tal coragem se mostrou impossível. Vi o escadão da Cásper ser cercado por grades e nossas aulas canceladas, com a diretoria da faculdade preocupada, zelando pela segurança de seus alunos. Mais tarde neste mesmo mês, lembro de estar lendo Amor nos Tempos do Cólera uma manhã enquanto escutava os fogos que anunciavam

a aprovação da tramitação do impeachment nas casas do legislativo. Medo e tristeza se misturavam à desesperança calada que rondava a mim e aos meus.

Mas foi naquele ano de 2018, que se encerra com a eleição de Bolsonaro, representando que a linha narrativa que embalava Trump, Boris Johnson e Erdogan havia também ganho aqui, que colo grau em minha primeira graduação, em jornalismo, e embarco em uma nova jornada através da psicologia. Ano em que escolho um recomeço, implicado pelo desejo de escuta e apaixonado pela possibilidade de uma transformação social. Após ter assistido, na segunda metade de minha primeira graduação, a derrocada escancarada do jornalismo tradicional, a emergência das redes sociais como forma primordial de comunicação e a descrença popular cada vez maior no papel do jornalista perante a sociedade, me formo vendo ascender um projeto de Brasil que coloca em cheque tudo no que acreditava ser constituinte de nossa identidade nacional até então. Passo a sentir que este abalo na fantasia de Brasil que portava anteriormente leva meu recém-adquirido diploma a carregar consigo um certo teor de subversão; que no compromisso com a factualidade e na asserção da imparcialidade como horizonte impossível, porém perseguível, portava em mim valores em franco declínio e pelos quais eu estaria disposta a lutar por.

Pesquisando o velho edifício Constância para o filme que protagonizaria meu trabalho de conclusão de curso da minha formação em jornalismo, vejo a resistência artística à ditadura militar (1964 - 1985) e suas narrativas de medo e afronta, com as quais passo a me identificar; vejo também o atual estado do prédio, ao mesmo tempo cheio de vida e ocupado pela miséria que sempre fora a marca do nosso país. Escutando as histórias daquelas vidas vi que esse papel seria mais meu, como diz a jornalista que sempre me inspirou, Eliane Brum, o de "escutadora".

*

Ao longo de minha presente graduação, encontrei na psicanálise, em Freud e Lacan, uma epistemologia que se mostrou a mais rica, em meu entendimento, para ler e pensar o mundo e os sujeitos que o formatam. Agora, quando encaro o final de mais esta jornada acadêmica, me pego curiosa, querendo entender como esta disciplina pode

contribuir para o entendimento deste fenômeno que marcou tão duramente minha jornada em direção ao jornalismo; a saber, as *fake news*. Como esta forma comunicacional tão cheia de ruídos e vieses pôde responder melhor às necessidades sociais de sede por informação e interpretação da realidade do que a mídia tradicional que tanto me havia inspirado na minha escolha primeva pela comunicação? Como nos deixamos levar por narrativas que beiram uma construção esquizóide de sentido por sua imutabilidade e hermetismo? E é com estas questões em mente que desenvolvo esta pesquisa: lançando mão de Freud e Lacan, Castells e Adorno; unindo os mundos que me formaram e informaram e as questões suscitadas pelo meu trânsito entre estes dois campos.

2. MÉTODO

A aproximação da psicanálise a outros campos de saber não é uma prática recente. Desde sua descoberta por Freud, o pai da psicanálise se utilizou da descoberta do inconsciente e seus mecanismos de funcionamento, tal qual a dinâmica pulsional, para analisar fenômenos de massa, como é o caso de textos clássicos como *Psicologia das Massas e Análise do Eu e Outros Textos* ([1920-1923] 2011) e *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos* ([1930-1936] 2010). Marco Antônio Coutinho Jorge, em seu livro *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan: As bases Conceituais, Volume I* (2005), explicita duas potências de ação de psicanálise a partir de sua leitura de Lacan: a psicanálise em **intensão**, ou seja, referente ao campo clínico, de escuta do sujeito; e a psicanálise em **extensão**, que, entendida como um discurso, permite sua reflexão estendida a outros campos do saber (p. 11). O autor ainda enfatiza que:

Além da experiência psicanalítica com sua escuta do discurso do analisante, o entrelaçamento da psicanálise com outras disciplinas sempre foi extremamente fecundo para ela. **Freud acreditava que o ensino da psicanálise não podia prescindir do estudo de uma série de disciplinas afins**, ou mesmo de todas aquelas que fazem do homem um ser letrado. (JORGE, 2005, pgs. 13 e 14, grifos nossos)

E continua:

Por mais particulares que sejam os achados psicanalíticos (em especial, os conceitos de inconsciente e de pulsão) e sujeitos às concepções próprias à teoria e prática freudiana (a experiência da transferência), **eles não estão desvinculados dos achados das outras disciplinas** que também se debruçam sobre os fatos humanos. (JORGE, 2005, pg. 14, grifos nossos)

No presente trabalho, portanto, viso estender a compreensão do fenômeno das *fake news* a partir de uma leitura lacaniana, lançando mãos de formulações e conceitos do psicanalista francês para discutir o alcance e a adesão dos sujeitos às narrativas atualmente caracterizadas como *fake news*. Ao me debruçar sobre o fenômeno, visando assim trazê-lo à luz da psicanálise francesa, viso um tipo de pesquisa que se aproxima a que Cintra, 2012, descreve como investigando formações sociais:

[...] bem como pesquisas que relacionam a psicanálise a processos sociais e/ou culturais, geralmente levadas a cabo por filósofos, historiadores, sociólogos, antropólogos ou psicólogos (não, necessariamente, psicanalistas). São, na verdade, pesquisas fundamentais – que investigam os fundamentos – ou pesquisas interdisciplinares, bastante importantes, à medida que podem questionar, colocar em xeque e rever os próprios alicerces sobre os quais a psicanálise se assenta, ou as formações sociais/culturais com as quais se articula. Isso, entretanto, não as torna pesquisas- -psicanalíticas, *stricto sensu*, já que não trabalham numa relação interna com a clínica, esta dimensão inalienável da pesquisa em psicanálise. (NETO e CINTRA, 2012, p. 43)

Se discursos, na acepção lacaniana, são laços sociais, não é difícil perceber seu nexos com o campo da comunicação, o qual é, evidentemente, indissociável dos mesmos (CASTRO, 2016). Assim, torna-se uma possibilidade estudar a comunicação à luz dos ensinamentos de Lacan, possibilitando uma nova compreensão dos fenômenos que encontramos na contemporaneidade. Como DARRIBA e D'ESCRAGNOLLE colocam:

O discurso põe assim em relevo a importância do contexto histórico de sua manifestação e de sua ancoragem e, logo, da irreduzível contingência e particularidade de toda formação discursiva. É esta singularidade concreta, estatuto próprio dos fenômenos históricos reais, que a noção de discurso possibilita cernir em primeiro lugar (DARRIBA e D'ESCRAGNOLLE, 2017, p. 546)

A partir do Seminário 17, *O Avesso da Psicanálise* ([1969-1970] 1992), Lacan passa a tônica de seu ensino para o discurso como laço social, trazendo assim a interação

Usos diretos da teoria dos discursos na Comunicação englobam, entre outros, a distribuição, no interior do matema de um discurso, da dinâmica de um processo midiático, ou, no interior de uma matriz de vários discursos, da classificação das funções e das estratégias retóricas da mídia.

É possível traçar um paralelo entre os termos dos discursos (significante-mestre, bateria de significantes, sujeito dividido e objeto *a*) e os componentes do processo comunicacional (respectivamente, emissor, mensagem/código/canal, receptor e motivação/ ruído). Desse ponto em diante, a dinâmica de um dado discurso – ou seja, as relações internas entre os elementos dispostos nos diferentes lugares – pode servir para caracterizar a dinâmica de um dado processo midiático. (CASTRO, 2016, p. 104)

Para fundamentar e alicerçar minha pesquisa, busco partir do livro de Matthew D'Ancona, *Pós-verdade: A nova guerra contra os fatos em tempos de fake news* (2018). Busco também lançar mãos à bibliografia de Castells, para traçar um panorama, ainda que superficial, do campo comunicacional que se formula na contemporaneidade.

Lacan entra então no projeto via *Escritos* ([1966] 1998) (em particular “A coisa freudiana” e “A ciência e a verdade”) e seminários 4, 16, 17, e 18: utilizando-me, respectivamente, da questão do mito individual e da máxima que dá nome ao trabalho “a verdade tem uma estrutura, se podemos dizer, de ficção”; de sua profícua discussão acerca do estatuto da verdade para a psicanálise, bem como sua impossibilidade (LACAN, [1968-1969] 2008); dos matemas dos discursos e os aprofundamentos que o autor faz quanto à tal teoria (LACAN, 1992 [1969-1970]) e sua nova compreensão acerca da barra entre significado e significante e o conceito de semblante (LACAN, 2009 [1971])

.

3. INTRODUÇÃO

A verdade fala, mas ao falar, ela não fala é verdade
(LONGO, JOSÉ LUÍS; D'AGORD, MARTA REGINA DE LEÃO, 2012, p. 30)

Sempre digo a verdade: não toda, porque dizê-la toda não se consegue. Dizê-la toda é impossível, materialmente: faltam palavras. É por esse impossível, inclusive, que a verdade tem a ver com o real.
(LACAN, [1974] 2003, p. 508)

A palavra verdade é polissêmica, adotando sentidos diversos a depender do contexto no qual é empregada. Se para a psicanálise lacaniana, como será apresentado adiante, a verdade remete ao desejo inacessível, a rigor, ao inconsciente; para o campo da comunicação a verdade remete a um conceito positivista, relacionado às produções acadêmicas publicadas após submetidas a um rigor científico. Apesar do jornalismo ter que se debruçar à história em ato, viva, o jornalismo rigoroso visava ainda assim transpor a metodologia e ética das ciências para sua prática. Digo "visava" uma vez que a verdade, tal qual a conhecíamos desde o século XVII, vem sendo colocada em xeque pela propagação sistemática de *fake news*. Tanto nas eleições brasileiras (2018)¹, quanto estadunidenses (2017)² e no processo do Brexit (2020), a difusão informações enviesadas, propositalmente manipuladas, e dotadas de um caráter inflamatório se tornou a marca principal de tais processos em conjunto com a perda de espaço do jornalismo tradicional frente à mudança de paradigma comunicacional ocasionada pela dominância das redes sociais. Ao propositalmente gerar uma massiva descarga de afetos, as narrativas caracterizadas como *fake news* se tornaram um problema em escala global, cujos efeitos vêm ameaçando, inclusive, a estabilidade das democracias. Na pandemia do novo coronavírus, a propagação de informações falsas, nas quais havia um tensionamento do discurso científico, acarretou num agravamento da pandemia cujas

¹ 90% dos eleitores de Bolsonaro acreditaram em fake news, diz estudo: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/11/90-dos-eleitores-de-bolsonaro-acreditaram-em-fake-news-diz-estudo.shtml>

² Relembra as mentiras mais famosas de Trump: <https://g1.globo.com/mundo/eleicoes-nos-eua/2020/noticia/2020/11/09/relembra-as-mentiras-mais-famosas-de-trump.ghtml>

dimensões são incalculáveis. As vidas perdidas em decorrência, direta ou indireta, da propagação de desinformação e o questionamento das produções científicas tornou a questão das *fake news* um problema ainda mais premente.

Durante a pandemia do novo coronavírus, deflagrada no final de 2019, a política do governo Bolsonaro escolheu eleger a cloroquina, remédio antiparasitário utilizado na também no tratamento de malária, como a resolução da crise sanitária. Em um primeiro momento, até aproximadamente fevereiro de 2020, com a novidade do vírus e o decorrente desconhecimento acerca seu funcionamento, a medicação poderia ser uma saída; porém, com o avanço das pesquisas, comprovou-se a medicação não era eficaz no combate à covid-19 e ainda poderia acarretar em agravamentos do quadro, principalmente quando administrada em pacientes cuja evolução da doença se apresentava como grave, gerando outras consequências como arritmia cardíaca, acometimento renal, entre outros. Apesar do discurso científico irromper como verdade perante este saber que vinha sendo oferecido como solução, o governo Bolsonaro escolheu manter sua orientação de combate ao vírus centrado na substância, negando assim o saber científico que apontava o furo desta estratégia. Quase 90 milhões de reais foram gastos na compra deste e outros medicamentos ineficazes contra a COVID-19³, enquanto vacinas e o endosso ao isolamento social e à adoção de medidas sanitárias como o uso de máscaras e a higienização das mãos foram escamoteados. À falta de uma campanha nacional orientando a respeito das medidas de isolamento e uso de máscaras se somou uma campanha de incentivo ao dito "tratamento precoce". O aparelho governamental atuou, portanto, como um propagador de *fake news* ao centrar na cloroquina o meio de combate à pandemia.

Dada a relevância atual da temática, uma vez que ciência, verdade e comunicação têm sido colocadas em xeque, impossível não convidar a teoria lacaniana, que parte da linguagem para pensar a formação dos sujeitos e discute largamente as noções de verdade e mal entendido, para lançarmos um olhar mais amplo aos tempos atuais. Lacan afirma que a ciência, no sentido moderno, se postula como um absoluto (LACAN, [1966]

³ 'Tratamento precoce': governo Bolsonaro gasta quase R\$ 90 milhões em remédios ineficazes, mas ainda não pagou Butantan por vacinas. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55747043>

1998) e era a partir desta significação, de absoluto, ou seja, de consenso, articulada aos moldes do discurso do mestre, como será melhor apresentado adiante, que a verdade era intimamente atrelada à ciência. No campo da comunicação, a ciência, em concordância com a percepção lacaniana, sempre teve o estatuto de verdade, ancorando o discurso midiático, e atuando como sustentáculo do saber construído pelo discurso jornalístico. Porém, um processo novo (mas não tanto, como será melhor abordado no capítulo subsequente) aproveita-se da capacidade inerente ao discurso, este entendido como esta estrutura que se sustenta para além das palavras, como será melhor apresentado ao longo do presente trabalho, de produzir uma Verdade como efeito de sua estrutura (que envolve desde quem o enuncia; qual saber está sendo proferido e o que sustenta aquela enunciação) para produzir movimentos de massa identificatórios, em que as narrativas formatadas facilmente viralizam no ambiente virtual. Caracterizo aqui esta verdade com V maiúsculo uma vez que, no caso das *fake news*, tratam-se de narrativas cristalizadas, que visam ser adotadas e reproduzidas com o estatuto de Um, ou seja, como este absoluto que antes era marca exclusiva da ciência e da religião, negando assim a possibilidade da dúvida, do questionamento e do não-saber; princípios esses que são situados no horizonte do empreendimento do processo analítico.

O presente trabalho, portanto, parte de um desejo de trazer o olhar do campo de conhecimento psicanalítico para tecer outras elaborações acerca da difusão massiva de informações falsas com o intuito de propagar desinformação. O estudo do fenômeno atingiu um novo patamar de importância, havendo muitas produções acadêmicas sobre o tema articulando diferentes campos do conhecimento em uma tentativa de compreendê-lo melhor para assim possibilitar a elaboração de estratégias para seu combate.

Objetivamos, no presente trabalho, construir a leitura possível *fake news*, termo que ganhou protagonismo nos últimos anos, como um sintoma de nosso tempo; dialogando com as mudanças sociais ocorridas, principalmente no campo da comunicação, e articulando tais novos paradigmas à constituição dos sujeitos que, se por um lado é singular é também coletiva.

No presente trabalho, visamos abordar as questões em torno do processo de propagação de desinformação tomando este como passível de ser compreendido como um fenômeno de linguagem, justamente convidando o campo psicanalítico para a análise para assim elaborar suas hipóteses. Trabalhar com e a partir da linguagem é tarefa cotidiana do analista, cabendo assim à disciplina legada por Freud tensionar as questões da pós-modernidade, principalmente as situadas no campo da comunicação. A visada lacaniana sobre a linguagem e seus fenômenos discursivos nos leva a lançar mãos deste arcabouço teórico para ampliar a compreensão acerca do fenômeno das *fake news* e demonstrar a íntima conexão entre sujeito e sociedade e tomando a linguagem como o fio que enlaça tudo. Partimos então das questões disparadoras: qual a relação entre linguagem, sujeito e sociedade?; as *fake news* pode ser considerada um sintoma de nosso tempo?; quais aspectos do discurso, como concebido por Lacan, podem explicar o fenômeno?; como a psicanálise poderia contribuir no combate às *fake news*?

Ao longo deste trabalho é realizado tanto um panorama geral do que seria a pós-verdade, seguida por uma retomada de alguns conceitos fundamentais lacanianos, discutindo alguns pontos chaves como formação do sujeito e suas etapas, a verdade e o saber para Lacan e o papel dos discursos para assim fundamentar as discussões propostas.

4. PÓS-VERDADE

Post-truth: relating to circumstances in which people respond more to feelings and beliefs than to facts

In this era of post-truth politics, it's easy to cherry-pick data and reach any conclusion you like⁴. (Oxford Learner's Dictionaries, 2022)

Pós-verdade: relativo a circunstâncias nas quais pessoas respondem mais a emoções e crenças que a fatos. (Tradução livre)

Fake news: If you describe information as fake news, you mean that it is false even though it is being reported as news, for example by the media.

False, often sensational, information disseminated under the guise of news reporting.⁵ (Collins Dictionary Online, 2022)

Fake news: se descreve-se informação como sendo fake news significa que é falsa apesar de ser divulgada como notícia, mesmo que pela mídia.

Informação falsa, comumente sensacionalista, disseminada sob o disfarce de notícia. (Tradução livre)

Em 2016, o Oxford Dictionary nomeou o termo "**pós-verdade**" como a "palavra do ano". Em seu anúncio, o dicionário relembra que o termo apareceu pela primeira vez em 1992, em um artigo sobre a Guerra do Golfo escrito pelo jornalista Steve Tsuchi, no qual o jornalista ponderava a respeito da escolha de nossa sociedade em viver em um mundo "da pós-verdade"⁶. O dicionário alude também aos processos eleitorais de Trump e do Brexit como efeitos característicos desta maneira de influência à opinião pública. No ano seguinte, em 2017, foi a vez do termo "**fake news**" ser laureado, desta vez pelo dicionário Collins English Dictionary, que atribui anualmente o título aos termos mais discutidos e

⁴ Disponível em: <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/post-truth?q=post+truth>

⁵ Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/english/fake-news>

⁶ Dicionário Oxford dedica sua palavra do ano, 'pós-verdade', a Trump e Brexit. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/16/internacional/1479308638_931299.html

relevantes ao longo do ano, fundamentando a consagração ao fato de que em 2017 houve um aumento de 365% de menções ao termo "fake news" nas redes sociais⁷.

Apesar do fenômeno ser nomeado e ganhar estatuto de relevante para o debate social a partir da história recente, ganhando corpo principalmente na segunda metade dos anos 2010 nas redes sociais, estas mesmas que viabilizaram a ampla difusão de *fake news*, a manipulação de informações com uma finalidade política é uma velha conhecida na história. Sustentáculo do *modus operandi* soviético, a KGB, comitê de serviços secretos soviético responsável pela investigação e espionagem visando a manutenção de uma homogeneidade ideológica na extinta União Soviética e o consequente silenciamentos de discursos contrários ao regime, dedicava uma grande parte de seu vasto quadro de funcionários à criação e propagação de desinformação. Tal processo não se apresenta como estranho a nós perante a enxurrada de manchetes apelativas que bombardeiam os grupos no Whatsapp cotidianamente e a ciência de um gabinete dentro do Governo Bolsonaro, conhecido como "gabinete do ódio"⁸, cuja função é justamente criar factoides para circular nas redes sociais.

Como mostra o documentário do New York Times, *Operation InfeKtion* (2018), a divisão de Medidas Ativas da KGB deliberadamente espalhava informações distorcidas com o objetivo claro de convencer seus cidadãos por meio da invenção de um inimigo comum. Cada agente da KGB designar ¼ de seu tempo de trabalho para o processo de criação de histórias falsas. Seleccionadas as mais interessantes de acordo com os critérios delimitados pelo comitê, entre os quais figuravam potencial de gerar indignação e vínculo com a realidade, entre outros, a difusão se dava em termos de vazamento de informações confidenciais ou atribuição de fontes inepecíficas. Até mesmo veículos consagrados (russos, estrangeiros e até mesmo estadunidenses), cuja checagem de fontes não se dava de forma rigorosa, acabam por dar espaço para estas manchetes apelativas.

⁷'Fake News' é eleita palavra do ano e ganhará menção em dicionário britânico. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-41843695>

⁸ "Segundo as conclusões da delegada federal Denisse Dias Rosa Ribeiro, o grupo promove desinformação e ataques contra adversários e instituições com objetivo de "obter vantagens para o próprio grupo ideológico e auferir lucros". In Bolsonaro e o gabinete do ódio: entenda as investigações. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-e-o-gabinete-do-odio-entenda-as-investigacoes-da-pf,70003976392>

Factóides, como o assassinato de Kenedy ter sido perpetrado pela CIA ou que o vírus do HIV teria sido uma arma biológica estadunidense que vazou dos laboratórios, estão entre as narrativas que conquistaram o alto das manchetes diárias e até hoje podem ser escutadas sendo repetidas. A Guerra Fria (1947 - 1989) fora marcada principalmente pela disputa de narrativas, e a URSS percebeu a relevância da manipulação da opinião pública desde o princípio.

Em território estadunidense, a batalha travada era interna e motivada pelo capital financeiro. O jornalista britânico D'Ancona, colunista do *The Guardian*, descreve em seu livro *Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news* (2018), no qual tece um panorama histórico desta forma de comunicação, um acontecimento que data de 1954 e bem exemplifica o mecanismo de ação segundo o qual a pós-verdade opera tal qual sua apresentação atualmente. Em 1954 foi criado nos Estados Unidos o *Tobacco Industry Research Committee*, comitê formado por cientistas patrocinados pela própria indústria tabagista reunidos com o intuito de produzir e divulgar pesquisas com alcunha de científicas. A ideia por trás da formação deste comitê financiado pela indústria de cigarros era a de espalhar a dúvida, disputando a narrativa hegemônica que vinha sendo construída com base nas pesquisas que na época vinham sendo desenvolvidas e apontavam para uma correlação entre o tabagismo e complicações pulmonares, entre elas sendo o câncer a mais relevante.

O que tornou a comissão tão significativa foi a sutileza de seus objetivos. Ela não procurou vencer a batalha imediatamente, mas, sim, questionar a existência de um consenso científico. Foi projetada para sabotar a confiança do público e estabelecer uma falsa equivalência entre aqueles cientistas que detectaram uma ligação entre o uso do tabaco e o câncer de pulmão e aqueles que os desafiaram. O objetivo não era a vitória acadêmica, mas a confusão popular. Enquanto a dúvida pairasse sobre o caso contra o tabaco, o *status quo* lucrativo estaria garantido. (D'ANCONA, 2018, p. 46)

Como o trecho aponta, a estratégia que fundamentava as pesquisas divulgadas pelo instituto não tinha como objetivo imediato provar erradas as pesquisas científicas consistentes que vinham sendo publicadas e que apontavam a correlação entre câncer e cigarro, mas sim abrir margem para o seu questionamento, visando assim minar aos poucos sua credibilidade e o consenso de sua aceitação, passando a construir

lentamente a ideia de que a veracidade de tais pesquisas dependeria do ponto de vista. Qualquer semelhança com a utilização por parte do governo Bolsonaro dos aparelhos de mídia para difundir a cloroquina como resposta à covid-19 não é mera coincidência.

As condecorações em 2016 e 2017 explicitam a marca deste tempo atual de capitalismo tardio no qual se constitui uma nova forma de sociedade, a sociedade em rede. Caracterizada pela intercomunicação e pela instantaneidade (CASTELLS, 2016), esta nova forma de organização social foi radicalizada pela revolução dos meios digitais de comunicação. Com o celular alçado ao estatuto de extensão do ser-humano, catalisador de todos os mais variados processos, de trabalho à entretenimento, a internet está ao nosso alcance a todo momento. Um estudo publicado em 2021, que realiza um levantamento a partir da base de dados das lojas de aplicativos dos diferentes sistemas operacionais, demonstrou que os brasileiros passam, em média, mais de 5 horas diárias no celular, sendo 70% deste tempo dedicado ao uso de redes sociais⁹. O fenômeno de propagação de mentiras com intenções de manipulação da opinião pública, outrora dependente de veículos de massa para conseguir atingir uma ampla audiência, hoje encontra seu meio ideal de cultivo e proliferação nesta imediatez e interconexão.

Outro fator que desempenha um papel importante para a facilitação da propagação de informações falsas diz respeito à diluição da hierarquia comunicacional clássica (CASTELLS, 2016). Cada indivíduo goza hoje da possibilidade de ter seu próprio palanque, narcísico por excelência dado o caráter individualizado das redes sociais, sustentadas por perfis de sujeitos específicos, a partir do qual cada narrativa encontra ouvidos para seus enunciados. Todos e ninguém são especialistas nesta sociedade do espetáculo que prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a aparência ao ser (DEBORD, 1997); todos têm uma oportunidade bastante homogeneizada de difundir seu ponto de vista, estando ele ancorado na factualidade ou não (ANCONA, 2018). Soma-se a isso o processo de descredibilização, perante a opinião popular, da mídia tradicional, fato que não isenta de responsabilidade a adoção de posturas duvidosas da grande

⁹ Brasileiro usa celular por um terço de seu tempo acordado, diz estudo. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-59974046#:~:text=Brasileiros%20passaram%20em%202021%20quase,de%20mercado%20digital%20Ap%20Annie>.

mídia, como por exemplo o apoio de veículos como Folha de São Paulo e rede Globo de televisão ao golpe militar de 64.

Na pós-modernidade, compreendida aqui como a forma de organização social que se estabelece após a queda do Muro de Berlin e o advento da globalização, os meios de comunicação digital consagram a Nova Ordem Mundial também no âmbito dos indivíduos, levando a multipolaridade para o campo da comunicação e com esta reordenação de posições ocasiona o emaranhamento entre emissor e receptor que observamos atualmente (CASTELLS, 2016). O lugar que o jornalismo ocupava, passível de críticas tanto por um abuso de poder, quanto pela manipulação também maldosa de informações e pela falta de interatividade, mas orientado pela veracidade e por uma ética, esta compreendida como uma tarefa cujo objetivo visava orientar a produção jornalística como uma tradução da complexidade da realidade tendo como horizonte a democratização do acesso a conhecimento (ALSINA E SILVA, 2018), fora deixado vacante, e as redes sociais, com a sua fluidez, anarquizam o regimento. Como KARAM (2014), coloca:

Talvez o mais relevante seja o de que o jornalismo, como acompanhamento do desdobramento imediato da humanidade, em suas múltiplas perspectivas econômicas, ideológicas, políticas, culturais... não pode abrir mão dos princípios ético-deontológicos que o alicerçam como um interrogador público contemporâneo que se impõe um mandato sem fim a favor da representação controversa do espaço público normativo, seja macro, médio ou micro. Por isso, os valores clássicos do jornalismo significam defender a própria atividade como específica e incontornável; que o jornalismo é mais do que aventura ou acaso; é a razão de ser controversa pela qual se valora e decide sobre o mundo imediato da forma mais lúcida possível; e que está na base da vitalidade democrática. Sem valores que o sustentem como fundamentação ética e procedimentos deontológicos, sempre morre um pouco mais da democracia e do espaço público. (KARAM, 2009a, p. 26)

As redes sociais passaram a ocupar o lugar para onde os sujeitos endereçam suas demandas por informação e onde esta codificação da realidade passa a ser construída de forma coletiva, interativa e emaranhada. Neste ambiente digital, terminantemente líquido, anonimato e figura de suposto saber se misturam, tecendo laços sociais de uma nova ordem a partir da qual é fácil aderir a um discurso desde que faça eco a um entendimento particular do mundo, ratificado por outros semelhantes, e apele a emoções

primitivas que promovem engajamento e o sentimento oceânico descrito por Freud (FREUD, [1930-1936] 2010).

O mecanismo de ação da pós-verdade se aproveita desta diluição de lugares e destrona a racionalidade. Dado que a figura centralizadora perde sua relevância, torna-se ainda mais fácil o questionamento ao consenso, científico ou até mesmo de um certo bom-senso difundido no laço social, que vinha sendo construído desde o Iluminismo; abrindo brechas para surgirem tensionamentos da narrativa, esta sempre alvo de disputa, que em outros tempos ficavam restritos a âmbitos conspiracionistas de orientação francamente esquizóide. Surgem assim movimentos de desinformação que vão para além da negação de certas ideias ou enunciados mas coloca em questão os processos de produção de consensos ligados a essas pautas que são tomadas como alvos (DUARTE e CÉSAR, 2020).

Nos últimos processos eleitorais, vimos este fenômeno em prática: a campanha do *Brexit* [2016], com suas falsas e infladas promessas de redirecionamento verbas, mais precisamente de recursos britânicos que eram semanalmente direcionados à UE, ao NHS (sistema público de saúde britânico) com a saída do bloco; toda a campanha do Trump [2016], que, entre outras falsas promessas, elegeram um inimigo para atuar como um bode-expiatório responsável por todas as mazelas sofridas pelo povo estadunidense; e aqui no Brasil, a campanha de Bolsonaro [2018], que se pautou em diversas mentiras descaradas, como foi o caso da "mamadeira de piroca"¹⁰, notícia falsa que circulou pelos grupos bolsonaristas de *Whatsapp* durante o período eleitoral que vinculava o então candidato e ex-prefeito da capital paulista, Fernando Haddad, a uma falaciosa distribuição de mamadeiras eróticas em escolas.

Neste emaranhado comunicacional viabilizado pelas redes sociais, a sociedade em rede mistura lugares, endereçamentos e, principalmente, perde suas referências e ancoragens. O que sustenta as discursividades fica perdido neste longo fio que se entrelaça em tantas narrativas. Lacan, como apresentarei adiante, caracteriza a

¹⁰ Fake news completamente absurdas das eleições de 2018. Disponível em: <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/4-fake-news-completamente-absurdas-das-eleicoes-de-2018-mamadeira-erotica-jesus-e-travesti-e-mais/>

linguagem como composta por cadeias significantes, designando por isso o encadeamento da linguagem, esta como o fenômeno que marca e designa a existência humana. "A linguagem só é concebível como uma rede, uma teia sobre o conjunto das coisas, sobre a totalidade do real." (LACAN, [1953 - 1954], 2009, p. 341). As redes sociais são redes de linguagem por excelência. Na nova configuração viabilizada pelos meios digitais, os discursos sobre o real passam a ser construídos sem quaisquer fundamentos científicos que outrora pautavam a produção jornalística rigorosa. Ciência e a verdade são assim postas em cheque ao serem destituídas do lugar de lastro que historicamente fora a elas designado. O lastro de confiabilidade passa desta ordenação positivista para um regime imaginário pautado por relações intersubjetivas. Para entendermos melhor como que a verdade passa por este processo de descredibilização, discutirei a diante a teoria psicanalítica para embasar como se dá a disposição de aderir a discursividades *prêt-à-porter*, estas entendidas como narrativas prontas, de significação unária, e que encontram seu fundamento em uma relação direta entre emissor e receptor, rompendo com a lógica positivista onde havia uma mediação responsável por investigar e garantir uma certa facticidade ao que é propagado. Se Marshall McLuhan (MCLUHAN, 1969) já colocava que o meio é a mensagem, no contexto de *fake news* tal hibridismo se torna ainda mais explícito. Nas redes sociais, *fake news* podem ser caracterizadas como manchetes espetaculosas, extremamente digeridas e objetivas, visando assim reduzir a possibilidade de questionamento acerca de sua significação ou fontes. Sejam elas voltadas a promover um candidato como salvador da pátria, alçar um medicamento como resolução da pandemia ou até mesmo apresentar dados obtidos a partir de pesquisas enviesadas ou até mesmo inventadas, a marca que caracteriza as *fake news* parece ser justamente esse fechamento de sentido.

5. PSICANÁLISE E VERDADE: de uma ciência à verdade indizível

5.1 Psicanálise e ciência: uma conversa infinita

Para começar a discussão acerca da verdade em psicanálise, é premente introduzir a relação fundamental entre este campo do saber e a ciência. A ciência, como portadora do estatuto de ditadora da verdade, que por tal posição acabou inclusive por sofrer duras críticas também da psicanálise, constituiu a espinha dorsal do conhecimento desde o advento do positivismo como resposta à obscuridade da Idade Média. Como o filósofo Karl Jaspers situa:

A Universidade medieval vivia, do ponto de vista intelectual, fechada sobre si mesma. A teologia reinava sobre as demais disciplinas. Sobre os velhos bastões do bedel, via-se o Cristo repartindo as ciências entre as diversas faculdades. Foi preciso esperar a filosofia independente, as ciências modernas e o novo humanismo, que surgiram em grande parte de fora da universidade, para que nossas estruturas intelectuais fossem renovadas em profundidade e publicamente. Este processo está longe de acabar. Se ele é tão radical, é porque a própria noção de verdade alterou-se. E o ponto de articulação desta mudança é o surgimento de uma ciência moderna. (JASPERS, 1989, p.104)

Jaspers, em seu texto, critica durante a psicanálise em sua intenção de explicar as dinâmicas dos sujeitos, mas coloca como a ciência funda uma nova noção de verdade assentada na universalidade de suas metodologias de estudo e resultados. O autor ainda coloca que a concepção de ciência moderna, nascida no ocidente, se funda em um desejo grego de compreender o mundo e que vai além, rompendo com as concepções bíblicas ao buscar retrair, a partir de uma metodologia, qual teria sido o raciocínio de Deus durante a criação. Ao falar sobre universalidade, diz sobre as ciências deterem “uma certeza coercitiva que se apoia em, e se dirige para o que permanece incerto” (JASPERS, 1989, p.105). Pode-se então compreender que, segundo o autor, a ciência se funda em um não-saber, sendo por ele sustentado ao mesmo tempo em que tenta elucidá-lo, retirando-o assim deste lugar de desconhecimento, portanto, paradoxal em sua origem. Isto aponta para o caráter terminantemente provisório das ciências; cujas verdades estão, estruturalmente devido à sua metodologia que remonta à dialética hegeliana, ameaçadas a todo instante pela descoberta de novas verdades que contradigam as anteriores.

A psicanálise, por sua vez, é uma disciplina que nasce de uma intenção científica a partir das experiências empíricas de Freud, um médico neurologista, cujo famoso rompimento com seu discípulo por década, Jung, se dá justamente pelo movimento do autor de romper com o modelo de relação estabelecido pela ciência moderna entre sujeito e saber ao incorporar a noção de arquétipo a suas elaborações psicanalíticas. Lacan, em *Ciência e Verdade* (1966) reforça que não haveria psicanálise sem o conceito cartesiano de cogito (LACAN, [1966] 1998), conceito de sujeito advindo do método cartesiano (QUINET, 2000), positivista por excelência. Há, porém, um entrave delicado. Porém, há uma diferença nítida que situa a psicanálise como um campo estranho, porém próximo da ciência, tal como o conceito de infamiliar (*das Unheimliche*) sugere (FREUD, [1919] 2020).

E "(...) foi esse mesmo cientificismo (...) que conduziu Freud, como sempre nos demonstram seus escritos, a abrir a via que para sempre levará seu nome" (LACAN, [1966] 1998). Seis anos mais tarde, em 1972, em sua *Conferência de Milão* (LACAN, [1972] 2015), Lacan, ao discutir sobre os discursos na contemporaneidade reitera: "*Freud é absolutamente impensável antes da emergência não apenas do discurso da ciência, mas também de seus efeitos (...).*" (LACAN, [1972] 2015, p. 50 e 51). Lacan formula em termos claros a indissociabilidade da ciência e do campo da psicanálise, tanto pela adoção de uma certa racionalidade objetiva quanto pelo fato de o sujeito da ciência e o sujeito da psicanálise serem os mesmos (BEER, 2017). A torção que Lacan promove diz respeito justamente à verdade. Em *Ciência e Verdade* (LACAN, [1966] 1998), o autor apresenta a psicanálise, a ciência, a religião e a magia como formas de explicação de fenômenos e destrincha a forma como cada uma destas abordagens apreende o mundo de acordo com a posição que tomam frente à verdade, esta tomada como causa, dando assim continuidade a um longo debate filosófico que remonta a Kant e Hume, como COSTA-MOURA (2006) bem demonstra em seu artigo *A incidência real da causa na psicanálise*, porém, não nos debruçarmos à fundo sobre esta questão no presente trabalho uma vez que objetiva-se uma outra discussão. Lacan lança mãos às categorias criadas por Aristóteles em sua *Metafísica* (1973) para realizar as respectivas distinções de relações com a verdade como causa. Segundo Lacan ([1966] 1998) enquanto a magia e a religião se ocupariam de tomar a verdade como causa eficaz e final, respectivamente,

demonstrando assim que seriam práticas concluídas, herméticas e não abertas a novas elaborações uma vez que submetidas à uma lógica inquestionável quanto a noção de um "juízo final", a disciplina legada por Freud faria justamente o contrário, abrindo sua teoria para a emergência do sujeito em sua singularidade de manifestações. A psicanálise tomaria a verdade como causa material, partindo da materialidade do significante para explicar a concepção de sujeito que lhe é própria. Tal movimento de Lacan, ao propor a verdade tomada como causa material, demonstra também o interesse de Lacan pela obra de Marx, curiosamente de sua obra em seu período tardio, caracterizado como científico como na peça O Capital, em contraposição ao histórico que remeteria ao seu primeiro ensino, como discerne Althusser (BIRMAN, 2011).

Retomando a questão das diferentes causas elencadas por Lacan, a ciência, por sua vez, tomaria a verdade como causa formal. De acordo com o autor, a metodologia de trabalho científico e seus ideais de reprodutibilidade, comunicabilidade e neutralidade acabariam por foracluir o sujeito (LACAN, [1966] 1998), esquecendo-se assim o que há de fundamental na construção de qualquer conhecimento. Como Jaspers brinca, fazendo referência a axiomas hegelianos, mas que bem sintetiza a questão expressa por Lacan ao situar a ciência em um exercício de foraclusão do sujeito: "Para se perguntar pelo propósito mesmo das coisas, é preciso ter uma consciência muito viva de seu próprio Eu" (JASPERS, 1989, p.105).

Freud busca as históricas com uma curiosidade científica, buscando uma causa formal, como delegado pela mentalidade científica positivista, almejando entender e explicar o mecanismo de funcionamento da peculiar sintomatologia presente nos quadros históricos tal qual à ciência biológica ou física eram capazes de descrever os fenômenos sob seu escopo. Seus pacientes também o buscavam pela via da ciência; almejando uma cura para seus sofrimentos na nova disciplina. Porém, Freud topou com inúmeros entraves em sua empreitada científica. Foi a partir de sua experiência clínica que sua teoria foi se desenhando e redesenhando em uma verdadeira práxis, unindo teoria e prática desde os primórdios da psicanálise como disciplina independente. Em seu percurso acabou por atingir o divisor de águas fundamental que jamais permitirá a reconciliação entre a psicanálise e a ciência se a segunda permanecer hermética e

asséptica às ocorrências que fogem do seu controle: a noção de sujeito estabelecida pela psicanálise coloca que o psiquismo se divide, fruto de uma *Spaltung*, uma fenda (LACAN, [1966] 1998), não podendo assim ser apreendido integralmente por nenhuma técnica, nem mesmo pela psicanálise. Tal concepção rompe completamente com a noção de ciência que vinha sendo construída até então e que visava, acima de tudo, uma explicação integral do mundo e seus fenômenos. Desde cedo, portanto, a psicanálise se situa em uma linha tênue, flertando e se afastando, simultaneamente, do grande campo da ciência.

Mas, se não coube na ciência aos moldes positivistas, tampouco foi na linguística que a psicanálise encontrou abrigo, pois a disciplina legada por Saussure encontrava-se debruçada sobre a fonética, a sintaxe, a morfologia, a semântica etc. Como já colocado, tal *modus operandi* acabava por deixar escapar, assim como Lacan coloca ao falar sobre a ciência, justamente o que interessa à psicanálise: a singularidade do sujeito e sua relação particular com a linguagem. Ainda assim, e apesar de, a psicanálise, ao longo de toda sua história, procura incansavelmente algo que remeta à verdade, ainda que esta sendo outra em relação ao entendimento positivista clássico, não sendo, portanto, universal. ZIZEK (2011), sintetiza ao traçar um comparativo entre a psicanálise e o marxismo e retomar o lugar da verdade em disciplinas que escapam ao escopo da ciência entendida como oriunda de uma metodologia de pesquisa tradicional e hermética:

Restam somente duas teorias que ainda indicam e praticam essa noção engajada de verdade: o marxismo e a psicanálise. Ambas são teorias de luta, não só teorias sobre a luta, mas teorias que estão, elas mesmas, engajadas numa luta: sua história não consiste num acúmulo de conhecimentos neutros, pois é marcada por cismas, heresias, expulsões. É por isso que, em ambas, a relação entre teoria e prática é propriamente dialética; em outras palavras, é de uma tensão irreduzível: a teoria não é somente o fundamento conceitual da prática, ela explica ao mesmo tempo por que a prática, em última análise, está condenada ao fracasso – ou, como disse Freud de modo conciso, a psicanálise só seria totalmente possível numa sociedade que não precisasse mais dela. (ZIZEK, 2011, p.42)

Zizek coloca também que a psicanálise, assim como o marxismo, comporta o fracasso em seu âmago: sua teoria se desenvolve a partir dos fracassos de Freud com seus casos e nas adequações da teoria que precisam ser feitas para mais se

aproximarem de uma descrição dos fenômenos advindos do inconsciente, este mesmo inferido.

E é este fracasso que se torna fundamental quando pensamos as relações entre psicanálise e ciência, pois se a primeira não existiria à segunda, ao mesmo tempo, a psicanálise jamais se dobrará ao dito rigor científico. Posteriormente em seu ensino, a partir do Seminário 17 (LACAN, [1969 - 1970], 1992), que será trabalhado de forma mais aprofundada mais adiante no presente trabalho, Lacan tensiona as relações entre a ciência e o capitalismo, demonstrando como o discurso universitário, como este que, aos moldes das ciências matemáticas, visa a construção de um saber que dê conta de explicar o todo, responde bem ao capitalismo: “O próprio processo pelo qual a ciência se unifica, no que ela extrai seu nó de um discurso consequente, reduz todos os saberes a um único mercado” (LACAN, [1968-1969] 2008, p. 40). Lacan evoca a noção de mercado para demonstrar assim que a ciência está *pari passu* relacionada com o macrossistema econômico vigente. Como podemos ver, em Lacan, assim como no debate público que vemos pulular nas redes sociais, também não é livre de tensões que se dão as relações intrínsecas entre ciência e poder; e, se podemos antecipar uma pequena pista do discorreremos adiante, podemos encontrar na linguagem a chave que faz elo entre tais disputas.

5.2 Lacan e a linguagem como resposta

Desde os primórdios da práxis psicanalítica a linguagem ocupou um lugar privilegiado. “*Talking cure*”, foi assim que Bertha Pappenheim, o emblemático caso Anna O., nomeou o processo de “limpeza de chaminé” que consistia nas suas sessões de análise (FREUD, [1893 – 1895] 2021).

Apesar da linguagem estar sempre no cerne da práxis psicanalítica, Freud, em sua intenção científica, como discutida anteriormente, nem sempre priorizou a fala como meio de acesso ao inconsciente e como técnica para a condução do tratamento. No primeiro momento, a teoria freudiana se assentava sobre a hipótese de que haveria uma cena traumática, de sedução na infância, que estaria recalcada no inconsciente de suas pacientes histéricas, cujos sintomas seriam manifestações dos afetos deslocados

oriundos daquela experiência traumática e cuja cena em si permaneceria inacessível ao consciente devido à censura operada pelo mecanismo de recalque. Conforme demonstrado por Freud ([1893 – 1895] 2021), representações recalçadas, ou seja, impedidas de encontrar representação no Eu via conta investimento do sistema pré-consciente/ consciente, exercem uma pressão constante, clamando por representação no consciente (*Vorstellung*) mas sendo barradas por ação da cisão que marca o sujeito. Quando as técnicas utilizadas, primeiramente Freud lança mãos da hipnose e posteriormente passa à técnica de pressão à frente, cuja intenção seria a de instar sua paciente a revelar um segredo, ou seja, a cena que fundiria as manifestações patogênicas (FREUD, [1920] 2020). Apesar de vacilar quanto aos métodos empregados, experimentando a partir da experiência clínica, Freud já buscava no inconsciente a verdade dos sintomas histéricos (MIRANDA E CALDAS, 2021). A partir do ato de relatar, realizado sob transferência, atribuía o potencial da fala trazer à luz a cena traumática e assim dar vazão à tal pulsão recalçada; assim seria possível uma descarga daquele afeto primordial, causado pela experiência traumática cuja representação fora recalçada e seu afeto deslocado, se fazendo presente no sintoma (Freud, [1893 – 1895] 2021). Esta é a teoria freudiana sobre a formação dos sintomas, que se mantém ao longo de toda sua obra. Lacan retoma Freud e desde seu texto considerado sua inauguração na psicanálise, *Função e Campo da Fala* (LACAN, [1953] 1998), o autor propõe uma distinção entre a fala e o campo da linguagem, demonstrando que há uma diferença entre a função da linguagem, como estruturante, e da fala, como enunciação e que coloca algo do sujeito inconsciente, e sua verdade, em jogo. Há um recalçamento social fruto de um trauma com o jornalismo tradicional que poderia se manifestar como sintoma nas atuais fake news? Um afeto da ordem da decepção que se desloca e se manifesta como paixão na eleição de discursividades desvinculadas dos modelos tradicionais de produção? Não pretendo responder tais questões, mas abro margem para pensarmos nelas a partir da teoria psicanalítica que apresento.

Freud, ao abandonar o método hipnótico e a teoria trauma-sedução descrita acima, faz da livre-associação passa a regra fundamental do jogo analítico. A partir de Dora (FREUD, [1905] 1901] 2021), a paciente que se impacientou com sua técnica de pressão à frente e demandou que pudesse falar livremente, o desenrolar da cadeia

significante, como Lacan irá formalizar ao longo de seu ensino, passou a ser a única instrução definitiva para a análise (FREUD, [1913] 2020). Funda-se com ela um entendimento distinto das dinâmicas psíquicas: a verdade factual deixa de ser importante; o "segredo" de suas pacientes histéricas, que Freud obstinadamente visava revelar, fica em segundo plano, abrindo-se assim espaço para o entendimento da fantasia como a realidade primordial no jogo analítico (COTTET, 1989).

Se os histéricos fazem remontar seus sintomas a traumas inventados, então o fato novo é que eles fantasiam tais cenas, e a realidade psíquica exige ser apreciada juntamente com a realidade prática. Logo houve a percepção de que essas fantasias se destinavam a encobrir, adornar e situar num nível mais elevado a atividade erótica dos primeiros anos de infância, e então, por trás dessas fantasias, apareceu a vida sexual da criança em toda a sua amplitude. (FREUD, [1914] 2017, p. 260)

Surge então o polêmico pós-freudiano, o francês Lacan. O psiquiatra, cujo doutorado versava sobre a psicose paranóica, ao iniciar seu ensino e propor o retorno a Freud, provoca uma reviravolta no campo psicanalítico ao se utilizar de novas referências epistemológicas para formalizar a grande descoberta freudiana. No exercício de formalização que Lacan desempenhou ao longo de seus quase 30 anos de ensino nos quais realizou seus seminários e produziu seus Escritos [1933 - 1960], a questão da verdade passou a ser tratada com um novo rigor metodológico, ganhando contornos mais claros em relação à presença evanescente com que era pontuada na obra freudiana. A linguagem passa a ser o foco das investigações lacanianas, que parte dos mecanismos de condensação e deslocamento, propostos por Freud como os mecanismos de elaboração onírica, responsáveis por mascarar os conteúdos inconscientes, tornando assim em conteúdo manifesto, como o que se pode lembrar de um sonho, o conteúdo latente, este sendo o material recalçado e, como tal, pertencente ao inconsciente (FREUD, [1900] 2019), para pensar os processos em jogo no aparelho psíquico. A partir de Lacan, o *modus operandi* do funcionamento do inconsciente passa também a ser pensado tal qual os sonhos, porém, com uma sutileza: o psicanalista percebe como a metáfora e a metonímia, figuras de linguagem, se aproximam da condensação e do deslocamento, respectivamente; assim lançando a máxima que funda seu ensino desde seu primeiro seminário (LACAN, [1953-1954] 2009), a saber, que o inconsciente é estruturado como uma linguagem.

Assim, o inconsciente, outrora compreendido a partir da física e da biologia, disciplinas positivistas ao dispor de Freud por ocasião da descoberta da psicanálise, se torna objeto de investigação a partir da linguística estrutural de Saussure e Jakobson, explicitando assim a centralidade da experiência analítica na linguagem e na palavra. Com a ênfase do entendimento psicanalítico deslocada à linguagem, Lacan pode melhor situar e fundamentar este campo do saber a partir deste fenômeno exclusivamente humano. BRAUNSTEIN (2007) explicita este olhar que a psicanálise passa a adotar ao dizer que: "A palavra é essa maldição redentora sem a qual não haveria sujeito, nem desejo, nem mundo." (BRAUNSTEIN, 2007, p. 15).

Lacan bebe também da fonte de Lévi Strauss e suas *Estruturas Elementares de Parentesco* (1949), produzindo uma redefinição de outro tema central da psicanálise, o mito de Édipo. O entendimento freudiano do mito como a dinâmica entre mãe, pai e filho onde operam sentimentos de amor, ódio e vingança, é revisto a partir do mito freudiano, Totem e Tabu (QUINET, 2015). De acordo com Miller, em *Percurso de Lacan: uma introdução* (1987), "O interesse de Totem e tabu reside no fato de que, nessa obra, Freud se aproxima, em forma de mito, à função do pai na experiência analítica." (MILLER, 1987, p.13). Como o grande sistematizador do legado lacaniano coloca, a reconfiguração, proposta por Lacan, do seio familiar em torno do mito Totem e Tabu passa a situar seus protagonistas em termos de função, ou seja, organiza a triangulação familiar de acordo com o papel que cada sujeito passa a ocupar naquele contexto (QUINET, 2020). Passa-se então a compreender o pai como função paterna, ou seja, cuja presença faz frente ao desejo devorador da mãe (LACAN [1955-1956], 1988), e elicia uma ausência da figura que opera a função materna. Não importa se há de fato uma ligação genética neste enlace familiar, podendo a função paterna, inclusive, ser desempenhada por atividades ou quaisquer outras demandas que levam à figura materna a se ausentar. Desta forma, a ênfase da castração passa para um campo metafórico e a função paterna desliza para a noção de metáfora paterna, sendo o Nome-do-pai (NP nos matemas lacanianos) o agente desta castração simbólica.

Com tal reposicionamento epistemológico da triangulação do seio familiar, a linguagem passa a ocupar um lugar central neste jogo de interdição. O não paterno, ou

seja, a interdição que a função paterna opera na relação mãe-bebê, é o responsável por inserir o *infans* na linguagem e, conseqüentemente, produzir um deslocamento do processo primário, marcado pelo princípio do prazer como orientação econômica que dirige o psiquismo ao rebaixamento das tensões (LAPLANCHE E PONTALIS, 2001), ao processo secundário, cujo princípio de realidade o caracteriza, e os autores sintetizam:

O destaque de dois grandes princípios do funcionamento psíquico acrescenta alguma coisa à distinção entre processo primário e processo secundário. O **princípio de realidade surge como uma lei que vem impor do exterior as suas exigências ao aparelho psíquico, que tende progressivamente a fazê-las suas.** (LAPLANCHE E PONTALIS, 2001, p. 130 - grifos nossos).

Retomando, a criança, ao não ter acesso ilimitado à mãe, cujo transativismo infantil não permite ainda um discernimento entre o que é seu e o que é da mãe e sua fonte (o seio) de alívio de tensões e eliciador de prazer, a busca por objetos passa então a ser mediada, e tal mediação entre sujeito - mundo se dá pela via da linguagem. O que era demanda se torna desejo pela incidência da palavra (BRAUSTEIN, 2007), inaugurando assim o movimento que alça o sujeito em busca do traço mnêmico deixado por essa experiência primeva e alucinatória de satisfação.

Linguagem e lei são assim transmitidas à criança demandando sua renúncia ao seu primeiro objeto de amor em nome de uma promessa de uma satisfação outra. A bolsa ou a vida? (LACAN, 1964), Lacan brinca. O princípio de realidade se torna esse fio que orienta o sujeito para o exterior de seu próprio aparelho psíquico, conclamando-o para a vivência coletiva. A partir do entendimento do Édipo pelo mito de Totem e Tabu, Freud tenta encontrar, para além do entendido do Édipo como um processo fundamental para a instituição da organização psíquica, os fundamentos da relação entre as pessoas pautado pela proibição do incesto e isso como fundante da cultura e da sociedade (ESTEVÃO, 2021). A linguagem, posta como este fator que media a ação do homem no mundo e intermedia as relações entre os homens, aparece como esta lei primeira que incide na criança desde antes de seu nascimento e opera no processo de separação entre este Outro encarnado na figura que opera a função materna e a criança. Assim, o que denominamos por laço social, este entendido como as dinâmicas e inter relações humanas, é um fenômeno de discurso. Os diferentes enlaces sociais são *"tecidos e*

estruturados pela linguagem" (QUINET, 2020, p. 17), o que permite fundamentar o entendimento que construo no presente trabalho de que as redes sociais são redes de linguagem por excelência; tanto por serem um fenômeno humano, e como tal, necessariamente marcado pela linguagem; quanto por serem caracterizadas como um ambiente social onde sua principal característica é conectar pessoas.

Retomando a centralidade do Édipo para a construção do entendimento psicanalítico dos sujeitos humanos, este pulo de compreensão elaborado por Lacan promova uma resignificação: o temor da castração que o não paterno anuncia deixa de ser o medo do menino de perder o pênis, como é passível de ser lido em um primeiro Freud, mas passa a operar segundo uma metáfora, que coloca em jogo não mais o pênis anatômico, mas o falo, este como significante da falta. A releitura em termos de metáfora elaborada por Lacan demonstra o falo como significante da falta uma vez que, quando *infans*, a criança acredita ser o falo materno, ou seja, seu objeto capaz de promover sua completude. A partir da ação da função paterna em tal dinâmica, esta relação passa a ser dialetizada, e a criança passa a se questionar: sou ou não o falo?, se não sou eu, seria então o pai?; ele é ou falo ou ele *tem* o falo?. Tais questões remontam o que Lacan formulou o Estádio do Espelho, como este tempo do desenvolvimento que corresponde à resolução do complexo de Édipo, quando há um júbilo da criança em reconhecer-se como autônoma em relação à mãe, mas marcada também por este conflito de não mais ser o objeto que a completa, colocando assim em jogo sua própria incompletude (LACAN, [1949] 1998).

A lógica fálica passa a operar como marca da falta fundamental em torno da qual todos se constituem, uma vez que nenhum de nós é completo por excelência e que a pulsão, como esta força que está em jogo no aparelho psíquico, diferentemente do instinto, não encontra um objeto capaz de satisfazê-la, sempre circunscrevendo objetos sem nunca conseguir sua plena satisfação. Pulsões, portanto, são sempre parciais (JORGE, 2005); e é com essa incompletude, com esta falta que remete à castração, que o sujeito tem que se haver em sua vida. Já os objetos, nunca capazes de tamponar a falta fundamental, passam a ser entendidos como objeto a: objeto causa de desejo. Ele

se torna objeto da pulsão apenas para revelar-se também esburacado e incompleto. Acerca desta negatividade fundante, Estevão (2021) coloca:

Objeto perdido, objeto pequeno a, das Ding, falta, vazio, furo, desamparo, indeterminação, inconsistência, impossível, sem-sentido e o próprio registro do Real - de suma importância na teoria de Lacan - são formas variadas de se falar da negatividade, revelando a dimensão não toda do funcionamento psíquico, **uma impossibilidade de totalização, de determinação, de consistência.** (p. 67, ESTEVÃO, 2021 - grifos nossos).

Entendido como estruturado ao redor dessa negatividade e da saída que o sujeito dá para a negação de saber-se furado, o aparelho psíquico lacaniano comporta três possibilidades de negação da castração: o recalçamento, no caso das neuroses; a forclusão, no caso das psicoses e a denegação, no caso das perversões. No presente trabalho não visou me aprofundar na questão das estruturas clínicas, porém, apresentá-las é indispensável para formular minhas hipóteses. Tanto o estruturalismo lacaniano quanto sua elaboração, a saber, de que o sujeito nega sua incompletude, são fundamentais para a compreensão de que forma as narrativas prontas difundidas pelas *fake news* vêm a se relacionar com um mecanismo tipicamente humano de funcionamento. No jogo narcísico que constitui a forma primordial de comunicação que as mídias digitais favorecem, uma falta parece não ser comportada, havendo a propagação de narrativas prontas, fechadas em um sentido que se pretende unívoco, para assim tamponar o que há de estruturalmente faltante. A adoção de verdades como sendo algo dado, estabelecido e inquestionável abre margem para que variadas narrativas passem a ocupar esse lugar de acordo com a ideologia hegemônica que manipula este fantoche discursivo. Prender-se a um "eu não quero saber nada disso" como forma de não enxergar seus próprios furos diz desta estruturação psíquica que precisa de uma fantasia, um delírio ou um objeto que dissimule ao sujeito sua própria incompletude e crie uma fachada de totalidade na experiência da vida. As respostas prontas que as *fake news* evocam parecem partir deste ponto mesmo, tal qual o caso da cloroquina, apresentado na introdução, em que mesmo com fundamentação científica provando o contrário, acreditar que haveria uma resposta simples para o fim da pandemia era mais fácil e menos doloroso do que se defrontar com a falta de resposta possível para a crise.

Retomando a guinada estruturalista para assim melhor compreendermos como a linguagem opera no aparelho psíquico lacaniano e como as influências da linguística estruturalista incidiram na psicanálise, o autor se empenhou no exercício de matematização das relações de linguagem - sendo seus matemas, estes como uma tentativa de reduzir os ruídos na transmissão da psicanálise, uma expressão desse esforço - e na busca pelo seu átomo fundador para assim conseguir melhor compreender e fundamentar todos seus desdobramentos subsequentes, como a cadeia significante e por fim o sujeito. Como COUTO (2013, p. 196), coloca:

A linguística, ao matematizar seu objeto, pôde, então, equacioná-lo dentro de um conjunto simplificado de relações. Desse modo, tornou-se possível captar e explicar as distâncias, as proporções e as simetrias dos constituintes elementares que operam no interior do sistema: os signos. O signo linguístico é a unidade mínima, primitiva e evidente que sustenta o sistema (MILNER, 1987). Pela delimitação de suas propriedades, torna-se possível explicar o modo de funcionamento da língua. (COUTO, 2013, p. 196)

Com a visada lacaniana, torna-se ainda mais clara a abertura que viabiliza a pesquisa pelo sujeito: a via do discurso. Se pela *talking cure* de Anna O. a fala já se mostrou como crucial e via única de acesso ao sujeito inconsciente, Lacan, com a influência dos conhecimentos que vinham sendo produzidos em seu tempo, destrincha as relações colocando cada fator, antes compreendido *en passant*, no microscópio de sua análise. A partir desta visada ao dito; ao signo, ao significante, à cadeia linguística, e, por fim, ao sujeito, trabalhar-se-á também com determinações materiais que incidem sobre o material linguístico (DUNKER et. al., 2016, p.24), transformando assim o grande Outro, como representante do código e da lei (BRAUNSTEIN, 2007), um fruto de seu tempo, localizando-o, tal como a verdade no tempo, sujeito, por tanto, a passar (LACAN [1974], 2003).

Tal cuidado empreendido por Lacan reafirma a psicanálise como uma disciplina que não só se debruça aos sujeitos de forma individual, pensando em cada etapa de sua constituição tal qual uma receita, mas demonstrando a permeabilidade da constituição dos sujeitos em relação ao seu redor. A imagem da banda de moebius, muito utilizada por Lacan em seu esforço de demonstrar da melhor forma possível o irrepresentável (GRANON – LAFONT, 1990), cabe aqui para visualizarmos a continuidade entre sujeito

e exterioridade, demonstrando assim uma contiguidade e não mais uma cisão entre sujeito *versus* mundo.



Figura 1. Representação gráfica da banda de moebius de autoria desconhecida.

Como Franco e Beer (2017) colocam ao comentarem o texto *O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada* ([1945] 1998) de Lacan:

Assim, a proposição de Lacan com este texto vai muito além da clínica, e mostra-se extremamente ousada ao defender que **o laço social não deve ser entendido como respondendo a um referente externo que serviria como garantia, mas sim ser pensado a partir de uma coletividade que se enlaça com a individualidade de modo indissociável**, de modo que **a certeza se coloca como algo precipitado em cada sujeito, ao mesmo tempo em que o erro dos outros acarreta no erro individual também.** (p. 170, BEER & FRANCO, 2017 - grifos nossos)

A partir deste raciocínio, e como já mencionado, a cadeia significativa precede e se impõe ao sujeito, sendo a partir desta que se estabelece a sociedade pela via do laço social que não só conecta os sujeitos mas atua em sua formação, conseqüentemente. O sujeito, portanto, constitui-se alienado à ela e, portanto, formatado a partir de sua incidência em sua constituição singular. Destaca-se assim o caráter autônomo da linguagem quanto a sua existência e continuidade, mas não sua independência dos sujeitos, estes responsáveis por sua perpetuação.

Não há sujeito sem Outro, ou seja, isolado da ordem significativa, da cultura e da Lei (QUINET, 2000). Constituímo-nos, a partir do outro, do estágio do espelho e sua antecipação da unificação do corpo. Logo, uma máxima proferida por Rimbaud e retomada por Lacan, se faz presente: *je suis un autre* (LACAN, [1974] 2003). O caráter

desse outro do imaginário, que se apresenta como igual e rival, objeto de amor e ódio, deflagra nossas relações interpessoais, gerando identificações e projeções que nos lançam ao laço social, "amo a mim mesmo através do outro, amo o outro eu mesmo" (QUINET, 2012, p. 11). Assim nos constituímos alienados; nascemos em um estado de prematuração e necessitamos desta alienação no Outro primordial, primeiramente encarnado na figura materna, que cumpre também com a função de inserir esse *infans* na linguagem, de forma que passamos a operar no mundo duplamente alienados; no Outro encarnado na função materna e na linguagem, que passa também a se constituir como Outro, o Outro tesouro dos significantes, "linguagem estranha que devemos aprender a falar e que é eufemisticamente referida como nossa "língua materna" (FINK, 1998, p. 28). Este Outro da linguagem é a coleção incompleta (QUINET, 2000) de significantes que compõem a linguagem. Incompleta pois os significantes jamais darão conta de nomear todas as situações que o real apresenta, bem como falta um significante que consiga dar conta deste conjunto: "Um significante só consegue significar outro significante, nunca a si mesmo" (LACAN, [1969-1970] 1992). A cadeia significante sobredetermina a existência humana conforme seu funcionamento ininterrupto e sua incidência em cada sujeito, sendo a tarefa da análise operar justamente neste simbólico e suas incidências.

Portanto, pautar a alienação como etapa fundamental na constituição dos sujeitos situa o exercício analítico perante uma tarefa dialética: pautar a separação destes referenciais cristalizados na fantasia fundamental a partir do desejo do sujeito, e, ao mesmo tempo, dirigir o tratamento à uma realização do furo no Outro (POLI, 2005). Aparecendo em seus escritos e seminários desde o começo, o termo, já há muito utilizado pela psiquiatria para caracterizar a loucura, vide Pinel, é a partir de Marx que há um giro de sentido no termo que passa a colocar em jogo na esfera subjetiva este fenômeno que vinha sendo denunciado pelo marxista. Segundo definição do dicionário Michaelis Online (2022):

No marxismo, estado do indivíduo que, por causas econômicas, sociais, políticas ou religiosas, se afasta da sua verdadeira natureza, visto que já não possui controle sobre sua atividade primordial – *o trabalho* – e se torna um objeto, uma vítima da cobiça material da sociedade capitalista. (MICHAELIS ONLINE, 2022)

A definição do dicionário aponta para a posição de objeto que o alienado passa a ocupar no laço social. Tanto para o caso dos pacientes psiquiátricos, entendidos como alienados da realidade, fora do laço, quanto para o caso de pessoas que aderem à ideologias ou discursividade de forma irreflexiva, a marca da ausência de implicação do sujeito constitui a direção do sentido difundido da palavra “alienação”. Alienar-se é um movimento importante, inclusive, ao pensarmos no jogo identificatório que marcadamente se apresenta no processo de difusão de *fake news*. Na replicação irreflexiva e balizada na confiabilidade assentada no outro de quem a mensagem é recebida há um escamoteamento do sujeito e do desejo que lhe é próprio perante as demandas do Outro, encarnados em figuras de autoridade que se mantêm nesta posição por meio de um semblante oco.

Como vimos, o sujeito é, portanto, produto da determinação simbólica, da incidência da linguagem sobre si, mas há uma outra dimensão crucial que não pode ser deixada de lado: há algo da singularidade em jogo, que remete ao desejo inconsciente e que faz frente ao imperativo alienante infligido pela cadeia simbólica. Como Lacan coloca:

O problema que se traça para nós, portanto, é saber como uma linguagem formal determina o sujeito.

Mas o interesse de tal programa não é simples, já que supõe que um sujeito só o cumprirá colocando algo de si. (LACAN, [1955] 1998, p. 47)

A alienação, portanto, ao mesmo passo que “aprisiona” o sujeito na linguagem é o que viabiliza sua existência por fundá-lo. Ao mesmo tempo, a alienação própria aponta para o furo do Outro (encarnado ou tesou dos significantes), necessariamente incompleto, e cuja notícia de tal incompletude deixa um resto, o objeto a que cai desta operação de cisão e se torna o motor da fantasia. TORRES (2019), elucida os mecanismos em jogo nesta operação:

Lacan formaliza com precisão que a operação de alienação é, num mesmo passo, essa alienação do Outro - que é o sujeito enquanto a própria marca extraída como falta no Outro - e a resposta a esta falta pela qual o sujeito se faz a partir do objeto da pulsão na fantasia. (TORRES, 2019, p. 114).

A história do sujeito é, portanto, construída a partir de significantes primordiais, ditos a seu respeito desde antes de seu nascimento e quiçá até mesmo colocados em

movimento desde antes de sua concepção. Estes significantes, mestres (S1), como colocado por Lacan, assombram a vida do sujeito neurótico desde *infans*, ou seja, o "pedaço de carne" como prefigurado antes da incidência da linguagem. Esta estruturação do sujeito demonstra como linguagem opera desde antes do nascimento de uma criança: a situa no mundo, lhe atribui um nome, um gênero, agita sua existência lhe atribuindo até mesmo um corpo, uma noção de "Eu" independente do Outro e é também a partir da relação que o sujeito estabelece com a linguagem que se estrutura seu psiquismo e seu modo de estar e operar no laço social.

Seguindo a reflexão, a sobredeterminação dos sonhos, sintomas e atos falhos foi algo apresentado por Freud desde a inauguração da psicanálise ([1900] 2019). Lacan localiza no inconsciente os significantes mestres (S1) como estes significantes que marcam e condicionam a história dos sujeitos:

O significante mestre (S_1) é aqui aquele que representa o sujeito, frente ao saber no Outro, para outro significante. Por isso mesmo, o inconsciente pode ser lido, porque existem os termos - significantes mestres, que ordenam a sua lógica. (DARRIBA et al. 2021, p. 27)

Neste trecho se evidencia o funcionamento inconsciente, demonstrando as dinâmicas entre o Outro, como bateria significante, e o significante mestre, como o ponto de estofo que permite a legibilidade da ordenação inconsciente. Este comandaria o ordenamento social pela fixação de um elemento de leitura que viabilizaria à ordem discursiva ser interpretável (DIAS E FERREIRA, 2019). O significante mestre (S1 nos matemas lacanianos) é justamente este "*significante isolado do discurso*" que é "*opaco ao analisando e que sempre parece colocar um fim às associações*" (FINK, 1998, p. 102), estancando o deslizamento da cadeia significante ao confrontar o sujeito com o não-senso.

O S1 vem intervir nesta bateria já constituída na medida em que representa o sujeito em sua singularidade, interpelando a cadeia significante (LACAN [1969-1970], 1992, p. 11) e levando a uma hiância onde o sujeito se faz presente de forma evanescente. O significante, da ordem do simbólico, é, portanto, aquilo que representa o sujeito para outro significante (S1 -> S2). É a partir desta incidência de S1 em S2 que se abre uma hiância e é desta falha que emerge o sujeito, nas palavras de Lacan:

Ele [o S1] intervém numa bateria significativa que não temos direito algum, jamais, de conceber dispersa, de considerar que já não integra a rede do que se chama um saber. (LACAN [1969-1970], 1992, p. 11).

Este percurso lacaniano demonstra como o sujeito se trata de um efeito de linguagem e do que a ela escapa (FINK, 1998). Não há a possibilidade de uma integração completa do inconsciente, portanto, o que torna a existência humana sujeita ao eterno desencontro da linguagem e fadada à repetição da bateria significativa.

Como já prefigurado ao longo do trabalho, os três registros propostos por Lacan são de crucial importância para a compreensão do sistema que ele anuncia ao reler a psicanálise com o viés da linguística. A este registro, do duplo-sentido, do grande Outro, atribuímos o nome de **simbólico**. Ao simbólico somam-se o imaginário e o real. O **imaginário** diz desta primeira formatação do humano, à imagem e semelhança do Outro. Remonta ao estádio do espelho como tempo de um entendimento antecipado da unicidade do eu, quando o sujeito jubila ao ver sua imagem no espelho. Já o **real** diz do indizível, do que não tem sentido e que não é capaz de ser subjugado ao simbólico, ou melhor dizendo, cuja incidência da letra mata (LACAN [1957], 1998).

5.3 A verdade tem uma estrutura de ficção

É irrelevante para os psicanalistas partir para uma investigação que almeje a verificabilidade entre realidade factual *versus* a realidade psíquica. "Há em algum lugar uma verdade que não se sabe" (LACAN, [1968-1969] 2008, p. 195), mas que fala, como Lacan coloca em *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (1953), "*Moi, la Verité Je parle*". Nesta máxima lacaniana fica evidente a verdade cuja regra fundamental da psicanálise visa privilegiar e acessar; a saber, a verdade do inconsciente. Lacan situa no Outro, como já apresentado, a linguagem como âncora do sujeito, e a este Outro cabe, portanto, um saber; um saber que é suposto e que remonta à falta fundamental do sujeito: ele próprio pode não saber sobre si, mas supõe que o Outro saiba.

Apenas acessamos o sujeito por meio da palavra, tomando assim conhecimento de sua cadeia associativa e tendo notícias dos significantes-mestres que incidem naquele jogo singular. Outra formulação interessante realizada por Lacan diz da relação particular que cada um estabelece com a linguagem. Cada sujeito fala uma língua própria, uma *lalangue*, como Lacan coloca no Seminário 19 após cometer um lapso de linguagem e (LACAN, [1971- 1972] 2012), que remonta à história particular daquele sujeito, como as palavras incidiram sobre si e mais ainda, tece um laço entre seu desejo e a linguagem que o deixa escapar por meio de um equívoco, uma falha, em sua enunciação. A dimensão do mal-entendido, portanto, é intrínseca às relações de linguagem. Tal formalização da *lalangue*, tardia em seu ensino, porém, já se apresenta desde seu primeiro seminário:

Porque, por ser enganadora, a palavra se afirma como verdadeira. Isso para aquele que escuta. Para aquele que diz, a tapeação mesma exige inicialmente o apoio da verdade que se trata de dissimular, e à medida que ela se desenvolve, supõe um verdadeiro aprofundamento da verdade a que, se se pode dizer, ela responde. (LACAN, [1953 - 1954], 2009, p. 342).

Em 1917, Freud, em *Uma dificuldade da Psicanálise* ([1917] 2020), caracteriza a psicanálise como "o terceiro golpe narcísico à humanidade" justamente por situar alhures ao sujeito uma capacidade de compreensão e controle sobre seu próprio psiquismo. Porém, a leitura estadunidense feita pelos pós-freudianos durante a Segunda Guerra imprimia um tom normatizante à disciplina e alçou o Eu (*moi*¹¹) à instância central do psiquismo, devendo ser fortalecido como tal (MILLER, 1987). Lacan, ao longo de sua obra, esforça-se por demonstrar sujeito cindido, como assegurado por Freud desde o princípio de sua teoria; sujeito que é sede de um conflito, havendo um desconhecimento radical do consciente em relação a seu próprio funcionamento, não sendo o Eu "senhor em sua própria casa".

¹¹ Lacan, em seu Seminário 2 ([1954-1955] 2021), faz uma distinção ente "*Je*" e "*moi*", cabendo ao primeiro o lugar de sujeito do inconsciente, que em seus matemas aparece como \$, e ao *moi* à instância do Eu, referente ao registro do imaginário e que remonta ao "*Ich*" freudiano. Tal distinção foi realizada para marcar a especificidade da psicanálise, que visa não o fortalecimento desta instância sede da consciência, mas sim ao sujeito de desejo inconsciente.

A psicanálise lacaniana afia novamente o "gume cortante" do inconsciente quando situa a verdade justamente neste saber, do Outro inconsciente, que não se sabe como tal (LACAN [1964], 2003); se tratando do gozo do Outro ([1969-1970] 1992), a nível de que haveria uma disjunção importante para a psicanálise entre a Verdade e o Saber. Esta verdade, referida ao saber inconsciente do sujeito inconsciente (*Je*), e é caracterizada por estar inacessível ao sistema do Eu (*moi*), consciente, e se manifestando apenas de forma evanescente por meio de sonhos, atos falhos e lapsos, tal qual descrito por Freud em *Psicopatologia da Vida Cotidiana* ([1901], 2021). Lacan coloca no Seminário 17, que "um sonho desperta justamente no momento em que poderia deixar escapar a verdade, de sorte que só acordamos para continuar sonhando - sonhando no real, ou, para ser mais exato, na realidade." (LACAN, [1969-1970] 1992, p. 59).

Colocada em xeque esta noção do Eu como detentor da mais pura racionalidade e da percepção da realidade, caracteriza-se que nossa relação com o "mundo real" (real aqui com esta dupla incidência da palavra: tanto real conforme "realidade", como entendida no discurso corrente, quanto como o registro) só é possível intermediada pela fantasia (FINK, 1998), lançando mãos assim da construção freudiana apresentada anteriormente, por ocasião da explicação da passagem da teoria trauma-sedução para a da fantasia. A montagem fantasmática se relaciona intimamente com o objeto a, o objeto perdido por excelência. A montagem fantasmática surge como a resposta que o sujeito dá a esta impossibilidade, passando a intermediar as relações entre sujeito e objeto. Lacan, em sua apresentação à televisão em 1974, diz: "(...) embora ele [o mundo] seja apenas a fantasia com que um pensamento se sustenta - "realidade", sem dúvida, mas a ser entendida como trejeito do real." (LACAN, [1974], 2003, p. 511). A partir desta concepção, a realidade, portanto, não existe, estando restrita a uma construção fantasmática que abre uma brecha para a insurgência do real:

A fantasia é um conceito importante no escopo da teoria psicanalítica desde Freud, que bem cedo se deparou, no tratamento das histéricas, com uma realidade que não pode ser considerada fatural, mas sim psíquica. Embora a princípio ele também tenha caído no engodo de tomar as cenas de sedução, nas quais suas pacientes se apresentavam como forçosamente submetidas ao desejo do Outro, como fatos, ele pôde localizar aí a criação de um sujeito, que traumatiza e faz sintoma.

É justamente em função de seu caráter traumático que a verossimilhança dessas cenas, narradas pelas históricas freudianas, **não pôde ser tomada como inverdade, mas como ficção que dá estrutura à verdade**. Tal verdade é reiterada na enunciação que subsiste nos enunciados dessa ficção e os engendra, fixando o sujeito em um instante eterno e inenarrável: instante em que ele (não) é tomado pelo desejo do Outro.

Dessa forma, a reconstrução da fantasia durante uma psicanálise só pode se dar na gramática que predica o sujeito em suas relações com o desejo do Outro, ou seja, **enquanto estrutura lógica que subjaz aos ditos do sujeito e aponta para sua posição diante desse desejo**. (CARREIRA, 2009, p. 158 – grifos nossos)

O encontro com a tal verdade do sujeito, ou seja, com sua cadeia significativa inconsciente, é um encontro impossível, uma vez que entre simbólico e imaginário há uma barreira intransponível, a saber, a barreira do imaginário, cuja operação media a experiência do Eu com o outro, cabendo a este registro o fechamento de sentido, o soldo entre significante e significado, se constituindo assim como a instância da cristalização. No Seminário 1 (LACAN, [1953 - 1954] 2009), Lacan, ao se debruçar sobre o sistema que ele denomina como dialético de Santo Agostinho, demonstra como a significação está alhures da palavra. Ele retoma o autor para discutir como o significado não está no objeto, mas que o efeito de significação se trata de um enigma, a saber, um enigma sobre a verdade que sustenta a atribuição de sentido, e situa esta última fora dos signos, no "mestre interior de verdade" (LACAN, [1953 - 1954] 2009, p. 341). O autor afirma ainda que "Não é que ela [a palavra] se afirme como verdade, mas antes que introduz no real a dimensão da verdade." (*idem*, p. 342).

À esta inversão que Lacan promove no entendimento psicológico habitual (no qual a consciência, o Eu, seria a instância da razão, responsável por fazer a articulação entre o dito "mundo interno" e "mundo externo", enquanto ao inconsciente caberia o caótico e sem sentido), ao realizar um retorno à letra de Freud e reconduzir a experiência analítica à fala e à linguagem (LACAN [1953], 1998), passa a situar a psicanálise não mais como uma simples práxis, articulando teoria e prática, mas sim quanto uma **ética**.

Como ética do desejo, a psicanálise se vê orientada pela busca deste sujeito cindido, marcado por uma falta, pelo conflito de interesses e cuja captura escapa às mãos do analista. A dimensão da verdade é assim deslocada do lugar corrente, onde é

obliterada pelo eu consciente, para um lugar inacessível, faltoso e inconsistente (LACAN [1964], 2008.). Lacan, em seu seminário sobre a *Ética da Psicanálise* ([1959-1960] 2008.), começa sua apresentação caracterizando a distinção entre o que é da ordem do moral e o que cabe à ética:

A experiência moral como tal, ou seja, a referência à sanção, coloca o homem numa certa relação com sua própria ação que não é simplesmente a de uma lei articulada, mas sim de uma direção, de uma tendência e, em suma, de um bem que ele clama, engendrando um ideal da conduta. Tudo isso constitui, propriamente falando, a dimensão ética e situa-se para além do mandamento, isto é, para além do que pode apresentar-se com um sentimento de obrigação. (LACAN, [1959-1960] 2008, p. 11.)

Este trecho evidencia como a moral responde à lei imposta pelo Outro, formatando isto que ele chama de "ideal de conduta" tal qual o Eu Ideal, como esta instância imperativa e imaginária, enquanto à ética concerne justamente esta dimensão do sujeito onde sua história, posta como cadeia significante, é permeada pela pulsão; cuja pressão manifesta-se em forma de necessidade, de demanda, e, como fruto da subtração da segunda pela primeira, de desejo (LACAN [1964], 2008.).

O significante “ética” remete também à prática jornalística. KARAM (2009b) coloca que ética "não significa apenas “bons modos” ou “etiqueta”, mas prejuízo" (p.1). Em seu artigo, o jornalista discorre sobre como a ética jornalística atua em benefício da sociedade, mas também a lesiona ao denunciar indivíduos ou práticas que, mesmo que difundidas, rompem com a Lei amplamente aceita no laço social. Mais adiante em seu artigo, ele diz ainda:

Ele [o exercício técnico contido na noção de uma prática jornalística ética] tem, na busca de fontes, na investigação documental sigilosa, na inserção em zonas de risco e perigos uma base moral solidificada, cuidando, claro, para que alguns métodos de apuração não sejam banalizados – como a utilização de câmeras ocultas –, mas também cuidando para que tais recursos sejam utilizados em situações em que o benefício social é significativo, notório e duradouro. (KARAM, 2009b, p.2)

Tal construção demonstra que o prejuízo de uma prática jornalística ética recai também sobre o jornalista, uma vez que demanda um enorme dispêndio de energia visando a finalidade de democratizar a informação ancorada em um rigor ético. As *fake news* abrem mão deste processo árduo, fazendo da difusão de informação algo

instantâneo e que não requer muito investimento. Há "a prevalência do registro imaginário, há maior investimento no eu que, além de transmitir uma falsa unidade, também inflaciona a ideia da perseguição." (p. 569), como coloca Miranda e Caldas (2021).

5.4 Os discursos para Lacan

Ao longo do ano de 1969, Lacan, em seu ensino, organizado no Seminário 17 ([1969-1970] 1992), passa a formular sua teoria dos discursos. Ao longo deste seminário, Lacan propõe 4 discursos a partir de 4 matemas (Figura 1), visando assim sistematizar os discursos remetendo aos "ofícios impossíveis" apresentados por Freud em 1937, sendo eles: governar, educar e analisar. Lacan parte de *Análise terminável e interminável*, de Freud ([1937] 1987), no qual aparece a afirmação que educar (*Erziehen*), curar (*Kurieren*) e governar (*Regieren*) seriam "ofícios impossíveis", e a estes 4 ofícios soma o fazer desejar, referido ao discurso da histérica. Para tomar como exemplo e ajudar-nos a elucidar do que se trata deste impossível em jogo em cada uma das estruturas de discurso, tomemos o caso do curar ou analisar: o impossível deste ofício aponta para o fracasso de sua realização plena, "O sucesso do ato analítico é destinado a permanecer sempre insuficiente, no sentido de que ele não pode deixar de ser parcial e limitado." (p.18, LOLLO, 2018), o que condiz com a estrutura da Verdade, que por estrutura só pode ser semi-dita. Como a autora comenta, pela falha da linguagem em representar o todo e contemplar o todo, as profissões em questão têm seus objetivos delegados ao campo do impossível.

Por essa razão, é impossível dizer toda a *verdade*, porque "o *dizer mesmo*" é um ato que só pode ser insuficiente para exprimir o real. Essa incompletude da ação é constitutiva da condição humana que faz de nós seres limitados, *pobres tipos* ("die Arme", diz Freud), o contrário do *Superman*. Somos, na realidade, *Ypomans* que, por não termos o pleno controle da nave espacial, ficamos na posição confortável de poder fazer hipóteses. (LOLLO, 2018, p. 18)

Assim, fica evidente que os discursos lacanianos tratam de tanger o impossível sempre presente na linguagem. Mas afinal, qual seria a compreensão lacaniana do que é um discurso? A partir desta perspectiva, o discurso pode ser compreendido como a superestrutura que se sustenta independente dos enunciados (DUNKER, 2017). Nas

palavras de Lacan: "(...)discurso como uma estrutura necessária, que ultrapassa em muito a palavra, sempre mais ou menos ocasional. O que prefiro, disse, e até proclamei um dia, é um discurso sem palavras." ([1969-1970] 1992., p. 11). Em resumo, "Os discursos são feitos justamente para isso, para tentar reparar e captar esse desencontro, para dar-lhes um destino formal." (DUNKER, 2017, p. 33). Complexificando, os discursos buscam formalizar o desencontro empreendido pela linguagem perante cada um dos "ofícios impossíveis", mostrando como, a partir do ordenamento social produzido pela linguagem, se estruturam os laços sociais (LACAN, 1972); se a linguagem remete à estrutura, à cadeia significante que aponta para o furo no Outro (coleção eternamente incompleta de significantes), o discurso aponta para o social, para a face intersubjetiva da linguagem, e, no campo do sujeito, localiza, principalmente, o que excede, a saber, o gozo e seus meios (DARRIBA e D'ESCRAIGNOLLE, 2017). Nos 4 discursos são demonstradas as relações entre S1 (significante-mestre), S2 (bateria significante ou saber; são entendimentos análogos uma vez que dizem sobre os significantes que seguem a partir do S1), a (objeto causa de desejo e também mais-de-gozar, conforme será melhor aprofundado adiante) e \$ (sujeito castrado) (conceitos sistematizados por Lacan e apresentados mais a fundo ao longo do subcapítulo anterior), sempre nesta ordem, em 4 posições também fixas, sendo elas: agente, outro, verdade e produção. Cada discurso corresponde a um ordenamento destes elementos, como mencionado, sempre dispostos na ordem na qual foram acima apresentados, girando em relação à posição que ocupam, como pode-se observar na Figura 1.

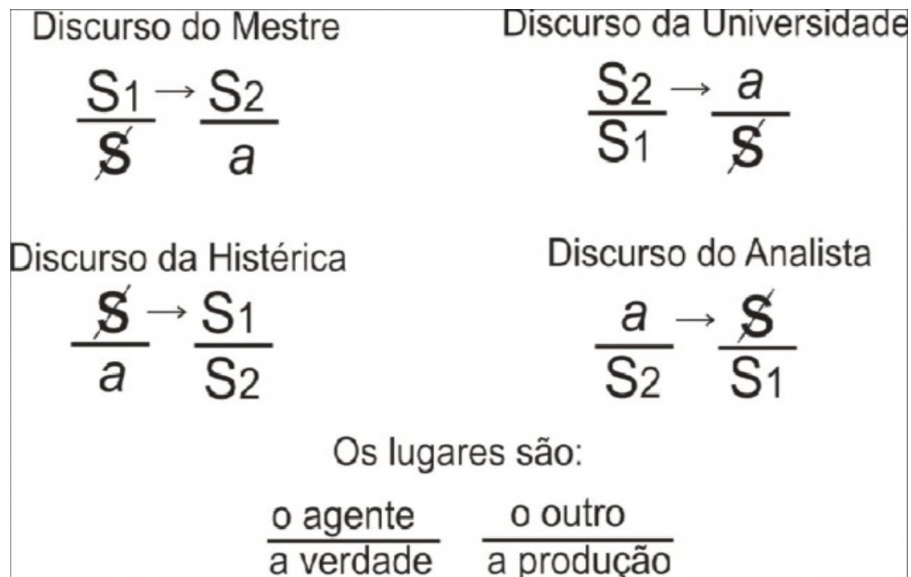


Figura 2. Matemas dos discursos propostos por Lacan em seu Seminário 17 ([1969-1970] 1992) sistematizados por MAESSO (2015, p. 436).

Nesta dinâmica, o agente seria o que organiza a produção discursiva, enquanto o outro é a quem o discurso é endereçado e que é dominado pelo discurso. A verdade, por sua vez, seria a propulsora do discurso, o que serviria de lastro para sua enunciação, e a produção seria o efeito do discurso, o que restaria de sua incidência (COELHO, 2006 e DIAS, 2017). O posicionamento da verdade localizada sob a barra corrobora para o entendimento lacaniano de que a verdade é enigmática, o que se torna visualizável nos matemas dos discursos pela não possibilidade de acessá-la a partir da posição de agente do discurso.

A estrutura dos discursos faz com que o elemento situado embaixo da barra represente trocas que estão interditas, bem como onde as setas se encontram ausentes. Neste contexto vale frisar o que já foi apontado anteriormente no presente trabalho: o fato da verdade estar inacessível. Lacan ao longo de sua obra, e com o avanço das formalizações que vai tecendo a partir da teoria freudiana, percorre um caminho apontado a partir de diferentes direções a esta impossibilidade de alcançar a verdade que sustentaria o engodo do eu imaginário (*moi*), e todas remontam à questão estrutural da linguagem; que sempre implica em um resto, nunca sendo capaz de abarcar tudo ou atribuir significação ao real, este como registro do impossível.

Como o gozo remonta à satisfação impossível, as estruturas discursivas demonstram as modalidades da ordenação do gozo. Para uma breve conceitualização do gozo para Lacan, utilizando-se da filosofia do direito de Hegel, o psicanalista adota a noção de gozo calcada na intenção de expropriação intrínseca ao ato de gozar - uma vez que só se goza daquilo que se possui, ou seja, daquilo que pode ser submetido à condição de objeto - e na condição do gozo em encontrar-se, portanto, em oposição ao desejo e impossível de ser compartilhado (BRAUNSTEIN, 2007). Assim, pode-se compreender o gozo como oposto ao desejo uma vez que, como apresentado, o desejo remonta ao trajeto da pulsão inscrita na lei, ou seja, cujo princípio de realidade incide modalizando-o.

Retomando, para alcançar os 4 discursos, Lacan utiliza-se mais uma vez de Hegel, desta vez da dialética do Senhor e do Escravo (LACAN, [1969-1970] 1992), elaborando sobre como o mestre espolia a verdade de seu saber do escravo, assim como o discurso do mestre, no qual o saber que enuncia é assentado sobre a verdade, mas esta verdade lhe escapa. Esta verdade está justamente situada no outro, que é também dela expropriado, tal qual a relação entre Senhor e Escravo.

Se o saber é meio de gozo, o trabalho é outra coisa. Mesmo sendo feito por quem tem o saber, o que ele engendra pode até, certamente, ser a verdade, mas nunca é o saber - nenhum trabalho jamais engendrou um saber. (LACAN, [1969-1970] 1992, p. 83).

O discurso do mestre também é marcado pela ausência da fantasia, interditando a relação entre sujeito (\$) e objeto a (a), este aqui sob a faceta de mais-valia, mais-de-gozar, como será melhor abordado a seguir. A verdade, sustentada pelo escravo que a entrega, encontra-se oculta. Neste discurso também se encontra barrado o sujeito, uma vez que o mestre visa dissimular sua própria falta e cisão. Lacan, em sua Conferência de Milão, de 1972, sob o título de "*Do Discurso do Psicanalista*", menciona que o discurso do mestre é, provavelmente, o discurso eterno e fundamental, pois remonta a forma de incidência da linguagem: a língua manda e nós obedecemos. Ao colocar que há Um (S1), inicia a cadeia significante, o que permite a emergência de um S2 (seja ele mais um significante na cadeia, seja ele um saber; o que esta em jogo é a questão do Um que funda a organização e comanda a dinâmica). Nesta mesma conferência, Lacan coloca

que o discurso capitalista, seria o substituto do discurso do mestre tradicional, que visa justamente o mais de gozar (a) e a exclusão da falta. A principal categoria seria a deste discurso não fazer laço, por isso é um pseudo discurso, entre sujeito e objeto não se faz laço. Neste discurso, Lacan propõe que haveria uma torção, alterando assim a ordem fixa (S1, S2, a e \$) dos elementos, trocando de lugar S1 e \$.

O discurso do Universitário é também o discurso da burocracia; que não se responsabiliza por seus atos e toma o outro como um objeto ao mesmo tempo em que se ausenta e prioriza uma neutralidade, uma vez que o saber encontra-se na posição de agente deste discurso. É objetivo mas também objetivante, renunciando a posição de autoria e ordenamento características ao discurso do mestre. Como DARRIBA e D'ESCRAGNOLLE colocam, "É neste sentido que o discurso universitário se constrói de maneira regressiva a partir do discurso do mestre, através do recalçamento de sua arbitrariedade enunciativa e de sua autoridade de caráter eminentemente político." (2017, p.548). "O fato de que o tudo-saber tenha passado para o lugar do senhor, eis o que, longe de esclarecer, torna um pouco mais opaco o que está em questão" (LACAN, 1969-1970/1992, p. 30) Como já discutido no primeiro subcapítulo do presente capítulo, a ciência opera justamente neste registro, tomando o sujeito por objeto, o deixando assim barrado desta operação agenciada pelo saber enquanto insiste em um distanciamento em relação ao seu objeto de estudo. O saber, no discurso universitário, é o agente, sustentado pelos imperativos do S1, a rigor, do mestre, legitimando a mais-valia e ocultando o sujeito. Já o discurso da histérica coloca o objeto a como propulsor do agente, neste caso o sujeito. Tal discurso remonta ao trajeto, apresentado no primeiro subcapítulo aqui delineado, da trajetória da psicanálise; a saber, a paciente histérica, cujos sintomas remontam a estrutura cindida do sujeito (\$), procurava Freud como um mestre (S1) que poderia resolver sua sintomatologia e cujo processo de análise produz um saber (S2). Porém, confrontavam o analista, como Dora, pois a verdade da histérica comporta que a falta está a perda de gozo, está em si. O discurso do analista, por sua, é a progressão do discurso da histérica; no lugar de agente coloca o a, retomando assim uma grande ênfase do ensino lacaniano, a saber, a de que ao analista cabe fazer semblante de objeto a, como este êxtimo, dejetado e desejo fundado na clivagem original do sujeito. Por isso também é sustentado que em um tratamento analítico há apenas um sujeito em jogo, o

do inconsciente do analisante, e neste discurso se situa como o outro que produz o discurso. Os S1, como estes significantes primordiais, situam-se abaixo do sujeito e são a eles que o analista visa trazer a rede significante para pararem de dominar a vida do sujeito. E o saber que não se sabe que seria o impossível.

Como apontado anteriormente, o percurso de Lacan se aproxima da teoria marxiana e marxista desde que se volta para a problemática da verdade, compartilhando um entendimento pela via da dialética materialista e não idealista como proposta por Hegel (BIRMAN, 2011). Como apresentado no primeiro subcapítulo, ao tratar sobre as relações entre psicanálise e ciência, elaboramos justamente o ponto da psicanálise, segundo Lacan, tomar a verdade como causa material.

No bojo de tais produções, ou seja, sob forte influência de Marx, Lacan formula o conceito de mais-de-gozar, diretamente atrelado ao conceito de mais-valia. Como Marx aponta, no sistema capitalista há uma espoliação da força de trabalho do operário pelo mestre. A força de trabalho do trabalhador se torna um produto de mercado, e é vendida ao mestre capitalista. Porém, tal operação de mercantilização do trabalho acarreta em um resto; Marx demonstra que há uma fração perdida entre o valor gerado pelo trabalho exercido e o valor remunerado por este mesmo trabalho pago pelo capitalista (SILVA, 2019). Não existe correspondência entre as duas cifras. A esta renúncia Lacan coloca que se trata de uma renúncia de uma fração de gozo, de mais-de-gozar, que passa então a ser perseguida pela via do consumo, visando assim a restituição dessa fração perdida (LACAN, [1968-1969] 2008).

Seguindo nas articulações entre política e psicanálise que Lacan vai sistematizando, o autor coloca também que o saber como algo que pode ser constituído como uma totalidade é imanente ao político (LACAN, [1969 - 1970] 1992), servindo-se assim da concepção de que a ideia de uma totalidade é algo da ordem do imaginário e que serve para ser comercializado, como uma troca em que a fração de gozo para sempre perdida vem a ser recoberta por uma noção frágil, mas que pelo menos mascara o real desta perda, de que há um absoluto, e que ele inclusive poderia ser corporificado: "A ideia imaginária do todo tal como é dada pelo corpo - baseada na boa forma da

satisfação, naquilo que, indo aos extremos, faz esfera -, foi sempre usada na política, pelo partido na pregação política." (p. 31).

E continua:

A colusão dessa imagem com a ideia de satisfação, eis contra o quê temos que lutar cada vez que encontramos alguma coisa que faz nó no trabalho de que se trata, o do descobrimento pelas vias do inconsciente. É o obstáculo, o limite, ou melhor, é a névoa na qual perdemos a direção e onde nos vemos obstruídos. (*Idem.*)

A partir de tal colocação, Lacan conclama a prática do analista, como um exercício em prol da ética do desejo, a histericizar o discurso do mestre vigente, promovendo um giro que, consigo, promova uma nova relação com o saber. Um giro que promova uma ignorância que reposicione o saber e provoque uma interrogação sobre o desejo (QUINET, 2006). E é do desejo que o analista se ocupa na clínica, visando o estabelecimento de uma transferência que possibilite, pelo sujeito, um bem-dizer de sua vida que passe para o reconhecimento desta verdade própria, singular, que fala em suas entrelinhas.

6. ANÁLISE E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como discorrido ao longo do presente trabalho, entre a comunicação e a psicanálise, e é necessário nos determos neste ponto, há dois entendimentos distintos sobre o que seria a verdade. Enquanto para a psicanálise, alçada à categoria de conceito, a verdade se articula à máxima lacaniana de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem (LACAN [1953-1954], 2009.), estando ela relacionada à esta ordem inconsciente, inacessível por vias diretas, mas cuja irrupção causa um efeito no sujeito e no saber, tendo como resultado uma nova produção em relação àquilo que estava fixo (LACAN [1969-1970] 1992); para o campo da comunicação a verdade remete à uma preocupação com a factualidade via teste de realidade entre o que é produzido e o evento em questão. Ao debruçarmo-nos sobre a trajetória das *fake news* no curso da história e sua relação com o nosso tempo moderno, visamos assim contextualizar o cenário atual. No segundo capítulo, a apresentação da teoria psicanalítica, com foco para os processos participativos na constituição do sujeito e a centralidade da influência da cultura neste, almejamos demonstrar como o processo de alienação é inexorável e como a linguagem é intrínseca à existência humana. Ao apresentarmos a teoria dos discursos, discorreremos sobre o laço social e demonstramos como o discurso de nosso tempo afeta as relações.

Após esta breve retomada do percurso do trabalho, partimos para uma última tarefa: à luz das teorias apresentadas, centramos nossas considerações finais em três eixos: *fake news* como o retorno do recalçado; consumo como produtor das *fake news*; da intolerância à dúvida à resposta oferecida pela psicanálise.

6.1 *Fake news*: o retorno do recalçado

Como apresentado, na era da pós-verdade, as *fake news* se disseminam quase instantaneamente, levando com elas significantes que há muito se encontravam reprimidos, assim trazendo de volta para o debate aberto, e com posição de legitimidade (ou ainda pior, com estatuto de fato inquestionável), narrativas racistas, classistas, sexistas e antidemocráticas; cujo modo de operação remonta ao mecanismo de funcionamento do retorno do recalçado. Ou seja, as *fake news* parecem atuar como um sintoma social que emerge trazendo de volta parte de um conteúdo que fora

justificadamente mantido recalçado, uma vez que seu conteúdo produz ruído e mal estar no laço social ao não estar de acordo com o princípio de realidade vigente.

Como DUNKER, TIBURI, *et al.*, 2017 colocam, a pós-modernidade é caracterizada como um período em que houve uma crescente atribuição de importância às chamadas "pautas identitárias". Muitos sofrimentos contemporâneos remontam às condições de desigualdade material que fundamentam nosso sistema econômico e político. O enlace a partir de tais sofrimentos foi capaz de mobilizar amplas frentes de luta, como o movimento negro e feminista, bem como movimentos pela garantia de direitos sociais como saúde, educação e até mesmo pelo fortalecimento do movimento antimanicomial (AMBRA E PAULON, 2019). Esta movimentação social, encampada pelas minorias historicamente oprimidas, encumbida de tornar a sociedade mais inclusiva à diversidade acaba por conseguir conquistar novas legislações que fortaleçam as reivindicações de suas pautas: racismo passa a ser crime nos países do dito primeiro mundo, bem como a homofobia e a tipificação do feminicídio à violências e tentativas de homicídio perpetradas contra mulheres. Houve assim um redesenho do campo do Outro, inclusive com a adoção de todo um novo vocabulário mais inclusivo, bem quanto pela adequação da lei à movimentação do corpo social. Tal deslocamento do centro onde outrora se estabelecia a noção de senso comum se deu não só à nível legal, mas torna-se principalmente observável à nível cultural. Aqui no Brasil, o giro discursivo se torna evidente a partir da observação das temáticas retratadas nas telenovelas. Como apontam os estudos de FARIAS *et al.* 2021, FERNANDES *et al.* 2014 e SANTANA *et al.*, 2020, as telenovelas são grandes representações midiáticas capazes de servirem de indicador de onde os referenciais de nossa sociedade estariam centrados em determinado período. Os artigos demonstram como houve um deslocamento nas narrativas representadas, havendo um crescimento, em especial na última década, de personagens LGBTQIA+, por exemplo. Tal exemplo, advindo de um produto midiático, reforça o entendimento de que na pós-modernidade a lei em jogo no laço social reforça que inclusão e diversidade são fatores positivos e que devem ser abraçados pela sociedade de forma geral.

Pode-se então afirmar que o discurso definido pela axiologia do dito "homem médio", como Bolsonaro muitas vezes fora caracterizado como um típico exemplar,

sendo diversas vezes equiparado de maneira chistosa ao "tio do churrasco"¹², passa a ser criminalizado enquanto pautas inclusivas e questionadoras deste *establishment* do capital cognitivo formatado no capitalismo tardio ganham cada vez mais espaço, e assim, ao longo das últimas décadas, o fosso entre os dois pólos de discursos correntes foi se alargando. Seja no laço social que se estabelece a partir de vivências de violência ou entre os detentores de poder centrados na ideologia liberal corrente, este como um grupo social privilegiado que entende-se como universal dentro do corpo social (ZIZEK, 2011), estes vínculos são caracterizados por um enlace à nível imaginário, gerando, por consequência, a rivalidade que caracteriza tal registro: "meu igual e meu rival". Com tal redesenho, os discursos racista, classista e misógino perdem espaço e deixam de ser compreendidos como o "senso comum", escancarando sua operação ideológica, e passando a ser problematizados pela alteridade que surge encampada pelas pautas identitárias.

O senso comum de nossa época diz que, em relação à antiga distinção entre *doxa* (opinião acidental/empírica, Sabedoria) e Verdade, ou, ainda mais radicalmente, entre conhecimento positivo empírico e Fé absoluta, hoje é preciso traçar uma linha entre o que se pode pensar e o que se pode fazer. No nível do senso comum, o máximo a que se pode chegar é ao liberalismo conservador esclarecido: obviamente, não há alternativas viáveis ao capitalismo; ao mesmo tempo, deixada por sua própria conta, a dinâmica capitalista ameaça solapar seus próprios fundamentos. Isso diz respeito não só à dinâmica econômica (a necessidade de um aparelho de Estado forte para manter a própria competição do mercado etc.), como também, e ainda mais, à dinâmica político-ideológica. Os democratas conservadores inteligentes, de Daniel Bell a Francis Fukuyama, têm consciência de que o capitalismo global contemporâneo tende a solapar suas próprias condições ideológicas (o que Bell chamou há muito tempo de "contradições culturais do capitalismo"): o capitalismo só pode vicejar em condições de estabilidade social básica, de confiança simbólica intacta, de indivíduos que não só aceitam a própria responsabilidade por seu destino, como também confiam na "justiça" básica do sistema; esse pano de fundo ideológico tem de ser mantido por um forte aparelho cultural e educacional. (ZIZEK, 2011, p. 41 e 42)

¹² Depois de ganhar de presente de Lula, Bolsonaro retribui ao petista. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/radar/depois-de-ganhar-presente-de-lula-bolsonaro-retribui-ao-petista/>; Decepção dos empresários com o discurso de Bolsonaro. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/radar/a-decepcao-dos-empresarios-com-o-discurso-de-bolsonaro/>

O que Zizek demonstra é que na contemporaneidade há pressupostos em jogo que mesclam a opinião e a verdade histórica, empreendida por Marx. A impossibilidade do fim do capitalismo se apresenta como o "rochedo da castração" da história da humanidade segundo tal visão. Porém, como Lacan demonstra, é sim possível ir para além desta, operando a partir do real e incidindo por meio da dialética como forma de desmontar tal fantasia fundamental.

Lacan, ao retomar a metodologia hegeliana, permite que olhemos para as *fake news* pensando como o embate de discursividades se apresenta à nível analítico: há um conflito entre uma noção pré-estabelecida e uma outra possibilidade que se apresenta. O saber colonial tradicional sobre o qual o capitalismo se assenta é confrontado pela verdade das pautas identitárias, verdade aqui entendida quanto esta outra linguagem que emerge e conflita com a cadeia associativa corrente, conforme apresentado no capítulo anterior quando elucidamos a práxis analítica e sua relação com a verdade inconsciente. Porém, frente a este embate, a postura sustentada por quem sempre encarnou a hegemonia do mundo parece ter sido a de fortalecer-se em sua identificação imaginária com esta imagem de Ideal que o sustenta. É no bojo desta identificação que emerge o que ficou conhecido como discurso de ódio, que, como definido por Freitas e Castro, 2013:

Esse discurso tem por objetivo propagar a discriminação desrespeitosa para com todo aquele que possa ser considerado "diferente", quer em razão de sua etnia, sua opção sexual, sua condição econômica ou seu gênero, para promover a sua exclusão social. (p. 344, FREITAS E CASTRO, 2013)

Cabe aqui frisar que a noção de "homem médio" não encontra lugar dentro da psicanálise lacaniana (LACAN, [1974] 2004). Mais importante que visar tipificar estes sujeitos de acordo com categorias universalizantes em voga em nosso tempo, que visam encarnar um discurso o atribuindo consistência, à psicanálise cabe sempre a singularidade quando se debruça sobre vivências subjetivas, e no presente trabalho objetivamos demonstrar como é a linguagem e as estruturas discursivas que formatam e privilegiam determinados enlaces (ou desenlaces) sociais, com o intuito de vislumbrar o fenômeno social das *fake news* como um sintoma da contemporaneidade em que o capitalismo opera de forma a mercantilizar todas as formas de relações sociais e buscar

a venda de resoluções *prêt-a-porter*, vendo a ideia de que não há falta que o dinheiro não possa tamponar.

Retornemos então à questão de que o debate público, como este embate que se apresenta ao nível das estruturas discursivas, uma possível leitura para entendermos o que tem se denominado como "guerra de narrativas", se dedica a jogar a discussão sobre temas paradigmáticos de nosso tempo para o campo afetivo. A racionalidade, suposta marca da mentalidade moderna, é deixada de lado e a simples evocação de afetos deslocados de sua representação original, que possivelmente remonta à uma angústia de castração derivada da ameaça de grupos historicamente dominantes pela dissolução de seus lugares consagrados pelo fortalecimento de minorias, e identificação cega ganham campo no debate público. Os fenômenos de massa, tão bem descritos por Freud em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921), respondem à aglutinação e violência que vemos também como componente importante destas bolhas discursivas que se configuram atualmente nos meios de comunicação digitais. Enquanto as pautas identitárias apontam para os furos presentes no discurso hegemônico e de intenções totalizantes do discurso capitalista em voga, há um recrudescimento dentro deste mesmo discurso, resistindo à possibilidade de uma nova forma de se relacionar com o saber; resistindo em seu saber totalizante enquanto prefere escamotear esta outra cena que emerge encampada, muitas vezes, pela juventude.

6.2 Sociedade de consumo e *fake news*

Como apresentado no capítulo anterior, o discurso do Capitalista seria esta nova forma de compreensão do mestre moderno; que espolia o lastro de sua verdade do sujeito e produz um mais-se-gozar concomitante à mais-valia como um imperativo superegóico, "Goze!", que no capitalismo adquire consistência pela via do consumo de bens materiais. Mais além, o discurso do Capitalista tomaria inclusive a cientificidade em seu favor, tornando o saber um produto e andando assim ambos, lado a lado, em um movimento de auto-reprodução (DARRIBA E D'ESCRAGNOLLE, 2017). Além da mercantilização do saber, haveria ainda a ciência à serviço da objetificação, produzindo bens materiais passíveis de também serem incorporados à lógica de consumo vigente na modernidade:

De maneira que existe de fato, sendo uma presença no mundo, não o pensamento da ciência, mas a ciência de algum modo objetivada, refiro-me a essas coisas inteiramente forjadas pela ciência, simplesmente essas coisinhas, gadgets e coisa e tal, que por enquanto ocupam o mesmo espaço que nós no mundo em que essa emergência teve lugar (LACAN, 1969-1970/1992, p. 140)

DARRIBA E D'ESCAGNOLLE (2017), ao comentarem a perversidade em jogo quando o discurso universitário revestido pelo científico é incorporado pelo do mestre capitalista, frisam que a questão do *gadget*, do objeto de desejo que corporifica o fetichismo da mercada, como uma manipulação escancarada dos desejos da massa e uma maneira irreparavelmente fácil de controle uma vez que pautada pela sedução de um saber, e o saber, por sua vez é meio de gozo, como já apresentado:

No âmbito do que toma por ciência objetivada, Lacan situa tais fabricações da ciência como “efeitos de uma verdade formalizada” (LACAN, 1969-1970/1992, p. 152). A consolidação, no capitalismo, da forma lógica do objeto a sob a rubrica do mais-de-gozar possibilitou a ampliação de seu campo, retirando os objetos fabricados pela ciência do campo da pesquisa universitária e transpondo-os para a gênese do consumo de massa. (DARRIBA e D'ESCAGNOLLE, 2017, p. 551)

A noção lacaniana de *gadget* remonta ao fato de que o mesmo significante é socialmente utilizado para caracterizar os dispositivos eletrônicos que são hoje os principais meios de difundir *fake news*: celulares, *tablets* e *notebooks*, sendo o mais relevante deles os celulares, cuja relação de extensão em relação ao homem já foi apresentada no primeiro capítulo. Lacan dizia de um gozo vinculado ao consumo de tais equipamentos, como BRUNHARI E DARRIBA colocam com maestria no trecho a seguir no qual articulam o discurso do Capitalista, como este que não faz laço e sim gera consumo, à lançar mãos do que há de frágil, e inconsistente, nos sujeitos para se fundar:

Podemos compreender que a astúcia frenética do discurso do capitalismo se firma na Verwerfung da castração. O ilimitado que compõe o gozo da ilusão de complementaridade no encontro com o gadget deixa de lado o laço social e o amor à verdade. Esta rejeição pode ser entendida como uma exclusão daquilo que Freud (1937/1996b) denominava de impossível e insuficiente em relação ao governar, educar e analisar e tem como ilustração, no matema lacaniano do discurso do capitalismo, a ausência das setas entre os lugares superiores e inferiores. Entendemos que a assertiva lacaniana sobre a ausência de laço social como característica deste discurso é bastante peculiar para o que aqui procuramos reconhecer como uma gestão, pois esta ausência diferencia de uma relação de produção aquilo que é um indivíduo eficaz constituído a partir

de um efeito de segregação. O futuro de mercado comum associa-se ao progresso técnico da ciência em um itinerário que tem como alvo o ilimitado da consumação. É por uma gestão aí pautada que se produz um indivíduo passível às escalas que avaliam sua motivação e adaptabilidade apregoando-o como blindado ao que é da ordem do impossível. Este é um produto astuciosamente elaborado sobre **a abolição da divisão que constitui o sujeito.** (BRUNHARI E DARRIBA, 2018, p.12 - grifos nossos)

Frente a este cenário, as *fake news* aparecem como um mais-de-gozar engendrado a partir de *outro* mais-de-gozar. Assim como a economia capitalista se complexifica e perde cada vez mais a sua materialidade, um outro processo, no campo da comunicação social, acompanha *pari passu* esta progressão. Como Castells sintetiza:

Uma revolução tecnológica concentrada nas tecnologias da informação começou a remodelar a base material da sociedade em ritmo acelerado. Economias por todo o mundo passaram a manter interdependência global, apresentando uma nova forma de relação entre a economia, o Estado e a sociedade em um sistema de geometria variável. (CASTELLS, 2013, p. 61)

As redes sociais acabaram por se tornar uma das indústrias mais rentáveis do mundo, formando bilionários como Mark Zuckerberg e levando muitos outros a investirem sua fortuna nelas. O formato dinâmico faz com que as redes sejam fontes incessantes de prazer, produzindo satisfação pelo imaginário e seduzindo seus usuários com um feed exclusivamente formatado para exibir os Ideais de cada um e usá-los como uma cenoura presa em uma vareta em frente aos olhos de um cavalo que resiste a andar. Em tais ambientes, as *fake news* encontram espaço para proliferar uma vez oferecem uma interpretação unívoca dos fatos amplamente compartilhada entre seus pares de seu reduto narcísico online, que remonta, naturalmente, à classe social à qual cada sujeito se insere uma vez que a organização do sistema capitalista designa desde o aparelho de celular que cada setor social deve possuir até os conteúdos que deve consumir. Nessa teia de ideais nutrida pela falsa sensação de proximidade com os demais usuários com quem se interage, a identificação narcísica encontra espaço para proliferar irrefreadamente, e, uma vez capturado por este dispositivo, sejam produtos ou verdades *prêt-à-porter*, o sujeito topa consumir e propagar aquele *lifestyle*, afinal, aquilo é também ele mesmo. Goza-se em ocupar um lugar que sempre se almejou e ao obedecer ao que o mestre mandou.

6.3 Da intolerância à dúvida à resposta oferecida pela psicanálise

Lacan, ao propor os 3 registros, se debruça sobre a ambiguidade do simbólico. O autor sugere o questionamento acerca da unicidade de sentido da palavra, demonstrando que para além da barra que fixa significante e significado, o significado continua deslizando sob o significante, em um movimento metonímico, rompendo assim com as correntes acadêmicas que privilegiam, na linguística, o estudo sobre sua etimologia (DUNKER, 2017). Quando nos deparamos com a manipulação perversa de sentidos que hoje encontramos nas *fake news*, percebemos um fenômeno muito distinto do anunciado por Lacan; não se trata um questionamento crítico e visando a abertura de todo um campo que comporte a ambivalência do significante e construções singulares, mas sim a adesão a uma unicidade de sentido puramente alienante e vinculada ao discurso do neoliberalismo corrente.

Ao situar a alienação como processo fundamental na constituição dos sujeitos, conforme abordado no capítulo 2, torna-se curioso retomarmos o caráter filosófico que o termo adquire a partir de Rousseau, conforme POLI, 2005, recorta:

Porém, a carreira propriamente filosófica do termo terá início com Rousseau (1762b) e o contrato social. Para o filósofo, o contrato social é fundado sobre a alienação que os homens fazem de sua liberdade natural à coletividade. Eles alienam – no sentido jurídico da palavra, de outorgar um bem pessoal a outro – sua liberdade individual, própria à natureza humana, para que, segundo as leis do “contrato social”, ela lhes seja devolvida como liberdade social, mediada pelas regras da convivência com os outros indivíduos. (POLI, 2005, p. 135)

No trecho acima fica evidente que desde os primórdios da utilização do termo temos a castração como condição *sine quoi non* para o estabelecimento do laço social. Lacan indaga: a bolsa ou a vida? (LACAN, [1964] 2008), sistematizando que é preciso perder algo em face de uma promessa de uma realização outra posterior. Nos defrontamos assim com um paradoxo: a alienação é fundamental, pedra angular na constituição do sujeito e do laço social, porém, é a partir deste mesmo laço social, viabilizado pela alienação, que se configura uma ordenação simbólica que, por sua vez, engendra a massa que, tal qual uma onda, arrasta os sujeitos para esta outra alienação objeto de estudo deste presente trabalho, a saber, às *fake news*. A adesão a esta massa e sua estrutura discursiva que opera a partir da cristalização e do fechamento de sentidos,

que se apresentam como narrativas *prêt-à-porter*, digeridas, ao alcance de um clique; que visam elucidar os grandes mistérios do mundo, da vida e da existência em apenas um *touch* e a partir de períodos sucintos, se dá a partir de um sujeito que, ao mesmo tempo em que é exposto ao real de grande questões da vida e grandes conflitos de nossa sociedade, é também imediatamente suturado por uma narrativa apaziguadora, que fornece um tamponamento para aquele buraco de real.

Demandas pela redução da maioria penal, o super-moro como a solução definitiva contra a corrupção e até mesmo a demarcação de um inimigo único responsável pela corrupção de crianças (caso mamadeira de piroca e o pt encarnado em Haddad), exprimidas majoritariamente por um suporte que se apresenta nos formatos de *fake news*, são exemplos explícitos de como a argumentação sustentada por notícias falsas visam um fechamento de sentido.

Tais formações discursivas que visam fazer Um, fechar uma significação e fazer semblante de completude, situando assim o saber na figura de um mestre, que, como nos apontam os jornais, ainda consegue carregar 30% do eleitorado brasileiro, mesmo sendo evidente a um olhar crítico, ou para bem dizer, analítico, que se sustenta em grande engodo. A saber, o discurso do mestre sempre se sustenta por um engodo, tal como apresentado, sempre sustentado a partir de uma verdade que não é sua, esta expropriada por excelência; como Lacan propõe, entre Estado e trabalhador (LACAN, [1969-1970] 1992, p.82), fazendo recurso à burocracia e *gadgets* para dissimular tal operação.

Chegamos assim ao objetivo que formulamos por ocasião da primeira e insipiente ideia quando fora realizado o projeto de pesquisa que deságua no presente trabalho. Este objetivo também serve como uma provocação dado seu caráter incompleto, por excelência e estrutura, em que não pudemos mergulhar com profundidade nas tantas portas que aqui foram abertas; sejam elas na teoria lacaniana, seja no campo da comunicação.

Propomos que a psicanálise pode responder a este fechamento de sentido e adesão irrestrita e irreflexiva a uma massa ao se propor a provocar um giro histórico no discurso

do mestre que se mostra nas chamadas *fake news*. Como abordado no capítulo anterior, a marca deste discurso é pautar-se em um imperativo, em um significante-mestre (S1) que visa dar consistência a um saber, alçando-o à qualidade de absoluto. Como Lacan coloca, é a matemática que representa o saber do mestre em lugar do saber mítico, aproximando assim tal discursividade da forma de produção da ciência, que, recalçando o saber mítico, renega assim a possibilidade de tal saber ser integrado na cadeia significante que se estrutura a partir do discurso, levando estes saberes outros, estranhos à ciência, a ficarem restritos às manifestações do inconsciente. O autor retoma ainda a física para demonstrar como é característico ao discurso do mestre a conservação de uma unidade, de uma constante de energia, partindo do pressuposto de que um significante só pode significar a si mesmo (LACAN, [1969-1970] 1992), demonstrando como operações só podem ser realizadas entre iguais. Lacan conclui ainda que o discurso da ciência só pode se sustentar na lógica, fazendo da verdade um jogo de valores. Tal exposição elucida a posição hermética que o discurso do mestre adota, e sustentado pela assunção de que operações lógicas do campo das exatas (como da física e da matemática), seriam capazes de responder às complexidades não quantificáveis em jogo no laço social. Conforme demonstrado por Freud, há um saber mítico na outra cena do inconsciente, que diz do infantil e sexual (FREUD, [1905] 2021), situado alhures, e que o discurso do mestre não quer saber nada sobre, preferindo sustentar um semblante de completude ao saber que engendra. Na experiência de análise, o sujeito supõe um saber ao analista, um saber sobre seu sofrimento, e com o andamento do processo, tal suposição passa a ser abalada. A condução do tratamento pelo analista visa inverter esta relação, situando no analisante este saber sobre si, redimensionando essa suposição de saber e esta atribuição a alguém de fora: no horizonte do fim de análise, a dimensão da falha e da dúvida perdem o caráter de fracasso e passam a ser integradas ao discurso do sujeito. Ampliando a noção de ato analítico, como este que visa fazer furo a uma discursividade fechada, para a extensão do debate coletivo, o psicanalista perante o laço social e conforme sua ética de atuação pode exercer uma função semelhante ao +1, tal qual o ordenamento de Cartéis proposto por Lacan, em que o +1 incide sobre uma grupalidade, a saber, os cartéis, como o esquema de estudo proposto por Lacan, visando assim minimizar as identificações

imaginárias, fazendo assim com que a grupalidade se instaure em sua relação com o saber singular que alí é produzido (QUINET, 1991). Propomos então que a psicanálise, como vem sendo tão conclamada pela mídia recentemente justamente para ocupar esta posição de mestre que não lhe é devida, mas cuja valorização no laço social poderia de alguma forma contribuir para uma complexificação do debate que as mídias, sejam elas tradicionais, mas principalmente as digitais, poderia contribuir ao trazer não respostas, mas furos. Talvez esta suposição de saber que tem sido depositada nos saberes psicanalíticos possa ser utilizada como uma tática, mas, como parte da ética da psicanálise e como característica do discurso do analista, fazer furo neste Outro homogêneo, consistente e à prova de contestações por outros saberes pode auxiliar a combater narrativas totalizantes e onipotentes.

"O gigante acordou": um exemplo de fake news alçada à mote de resistência da extrema direita brasileira. Este Outro onipotente capaz de ditar a direção e salvar o Brasil de todas suas mazelas que historicamente marcam o país. Na conferência de Milão Lacan apresenta brevemente o matema que do mestre moderno capitalista, que se apresenta na contemporaneidade, faz também do mais-de-gozar. Se o desejo na estrutura histórica vislumbra permanecer insatisfeito, em produzir um mestre para depois castrá-lo, colocamos aqui como, pela operação do discurso analítico, podemos propor uma revolução discursiva no discurso capitalista vigente histericizano-o.

A verdade, para Jacques Lacan, é sempre semi-dita, e isso remonta à estrutura de linguagem que sustenta o sujeito humano; sempre falha e incapaz de englobar a completude. Lacan pode nos oferecer algumas interpretações ricas sobre seu entendimento e principalmente expor como essa ausência de simbolização e a imaginarização das relações influem para esse processo comunicativo baseado na mera repetição de significantes advindos de outros. Mas, é justamente sobre esta questão: de poder entender-se como furado quanto à capacidade de apreensão da verdade, tanto seja ela do sujeito quanto a verdade dita factual. A admissão de do não-saber, porém, parece estar foracluída desta sociedade atual que se assenta, cada vez mais, em discursividades imaginárizadas, que não comportam a dúvida como ponto central e inescapável da experiência. Para o jornalismo tradicional, sua impotência em assumir-se

parcial e falho caracteriza sua decadência, o que se acelera com o crescimento das redes sociais e migra para este outro ambiente a demanda por informações.

A questão da temporalidade também é intrínseca para Lacan: "[a verdade] é concebida como uma passagem, tem íntima relação com a temporalidade, passa." (DUNKER, 2017, p. 50). Em *O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada* ([1945] 1998), Lacan, apresentando um sofisma, demonstra como a estrutura temporal, como a hesitação, o que ele chama de "moção suspensa", é um momento crucial na tomada de decisões e nos processos lógicos (LACAN, [1945] 1998). Algo que escapa à dimensão da lógica mesma, esta concebida aos moldes da ciência positivista replicável e calculável em cada fator, é, portanto, intrínseca aos processos subjetivos do homem.

Em nossa cultura atual de desempenho e imagem, a verdade factual como sustentáculo de um discurso perde espaço; não há instante de ver, tempo de compreender e momento de concluir, como os três tempos que Lacan coloca em *O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada* (LACAN, [1945] 1998), ao dizer sobre as diferentes etapas que fazem parte da construção de um raciocínio que conduza a uma certeza, ainda que esta seja provisória e fundada em uma dúvida que não se elucida completamente. COHEN E GARCEZ (2017) são cirúrgicas ao descrever a temporalidade no mundo contemporâneo: "No discurso hipermoderno, que acreditamos traduzir a lógica temporal contemporânea, a pressa é justamente para não concluir, para que uma verdade não possa emergir." Tudo se dissolve e vira moeda de troca na lógica de produção e imediatismo impostas pelo capitalismo digital. Concluímos este trabalho apostando que a psicanálise, longe de conseguir dar conta da tarefa toda sozinha, uma vez que a falha é fundamental, mas talvez, com seu saber sobre o não-saber, consiga abrir uma brecha mínima por onde o que há de singularidade, a saber, o desejo, possa escoar sorrateiramente e assim auxiliar a minar este grande empreendimento que engendra consigo as *fake news* e todo um modo de vida em que a impropriedade em relação ao que é singular torna-se a lei. Que possamos descansar, pois a Outra cena jamais cessará.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALIENAÇÃO. Michaelis Online. 2022. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=0NM8> Acesso em: 26/04/2022
- AMBRA, P. e PAULON, C. **Sufrimento, verdade e políticas identitárias**. Lavrapalavra, 2019.
- ARISTÓTELES. **Metafísica**. São Paulo: Edições Loyola, 1973.
- BEER, P. **Ciência e psicanálise: um debate necessário**. São Paulo, Blucher, 2017.
- BEER, P. A. & Franco, W. Da indissociabilidade entre clínica e política em psicanálise. *Affectio Societatis*, 14, 27, 157-179, 2017, Disponível em: acessos em 15 de maio de 2022.
- BIRMAN, Joel. Sujeito, alienação e desconhecimento: sobre Lacan e o jovem Marx. **Tempo psicanal.**, Rio de Janeiro , v. 43, n. 2, p. 409-438, dez. 2011 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382011000200010&lng=pt&nrm=iso. acessos em 16 jun. 2022.
- BIRMAN, J. **O Trauma na Pandemia do Coronavírus: suas dimensões políticas, sociais, econômicas, ecológicas, culturais, éticas e científicas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.
- BIRMAN, Joel. Sujeito, alienação e desconhecimento: sobre Lacan e o jovem Marx. **Tempo psicanal.**, Rio de Janeiro , v. 43, n. 2, p. 409-438, dez. 2011 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382011000200010&lng=pt&nrm=iso. acessos em 15 de maio de 2022.
- BRAUNTEIN, N. **Gozo**, Tradução de Monica Seincman, São Paulo, Escuta, 2007.
- CARREIRA, Alessandra Fernandes. **Algumas considerações sobre a fantasia em Freud e Lacan**. *Psicol. USP*, São Paulo , v. 20, n. 2, p. 157-171, jun. 2009 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772009000200002&lng=pt&nrm=iso. acessos em 15 mar. 2022.
- BRUNHARI, M. V., & DARRIBA, V. A. (2018). O DISCURSO DO CAPITALISMO E OS EFEITOS DE SEGREGAÇÃO: UMA PRÁTICA. *Psicologia Em Estudo*, 23. <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v23i0.40930>

COUTO, Luis Flávio Silva e Souza, Marcelo Fonseca Gomes de. O estruturalismo em Jacques Lacan: da apropriação à subversão da corrente estruturalista no estabelecimento de uma teoria do sujeito do inconsciente. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica* [online]. 2013, v. 16, n. 2 [Acessado 15 Março 2022] , pp. 185-200. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-14982013000200001>>. Epub 06 Fev 2014. ISSN 1809-4414. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982013000200001>.

CASTELLS, M. **Sociedade em Rede**: Volume 1. São Paulo: Paz & Terra, 2012

CASTELLS, M. **O poder da comunicação**. São Paulo: Paz & Terra, 2016.

CASTRO, J. C. L. D. Consumo de massa e discurso da histeria. **Anais do II Colóquio Binacional Brasil-México de Ciências da Comunicação**, São Paulo, 2009.

CASTRO, J. C. L. D. Aplicações da teoria lacaniana dos discursos na área de Comunicação. **Intercom - RBCC**, São Paulo, maio/ago 2016. 99-113.

COELHO, Carolina Marra S.. Psicanálise e laço social: uma leitura do Seminário 17. *Mental, Barbacena* , v. 4, n. 6, p. 107-121, jun. 2006 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272006000100009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 30 maio 2022.

COHEN, Ruth Helena Pinto; GARCEZ, Marcia Muller. Ponderações sobre o tempo em psicanálise e suas relações com a atualidade. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte , v. 17, n. 3, p. 348-362, dez. 2011 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682011000300002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 10 jun. 2022.

COSTA-MOURA, Fernanda. A incidência real da causa na psicanálise. *Revista do Departamento de Psicologia. UFF* [online]. 2006, v. 18, n. 1 [Acessado 10 Junho 2022] , pp. 117-130. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-80232006000100010>>. Epub 10 Jul 2007.

COTTET, Serge. **Freud e o Desejo do Psicanalista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1989.

D'ANCONA, M. **Pós-verdade**: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news. Barueri: Faro Editorial, 2018.

DARRIBA, Vinicius e D'ESCAGNOLLE, Mauricio. A presença do capitalismo na teoria dos discursos de Lacan. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica* [online]. 2017, v. 20, n. 2 [Acessado 16 Maio 2022], pp. 543-558. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1809-44142017002012>>. Epub May-Aug 2017. <https://doi.org/10.1590/1809-44142017002012>.

DARRIBA, Vinicius Anciães; BRUNHARI, Marcos Vinicius; PEREIRA, Lívia Beatriz Lisboa. O estatuto do significante mestre na segregação: causa e efeito do discurso. *Trivium*, Rio de Janeiro, v. 13, n. spe, p. 23-33, mar. 2021. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912021000100005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 16 mar. 2022. <http://dx.doi.org/10.18379/2176-4891.2021vNSPEAp.23>.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DIAS, Brendali. De que maneira o discurso do analista possibilita fazer furo no discurso capitalista?. *Stylus (Rio J.)*, Rio de Janeiro, n. 34, p. 59-73, jun. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2017000100003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 11 jun. 2022.

DIAS, Brendali; FERREIRA, Isaías Gonçalves. A lógica da interpretação em Lacan: entre o significante-mestre e o Há Um. *Stylus (Rio J.)*, Rio de Janeiro, n. 38, p. 125-136, jun. 2019. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676157X2019000100006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 23 maio 2022.

DUARTE, André de Macedo e CÉSAR, Maria Rita de Assis. Negação da Política e Negacionismo como Política: pandemia e democracia. *Educação & Realidade* [online]. 2020, v. 45, n. 4 [Acessado 16 Junho 2022], e109146. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2175-6236109146>>. Epub 11 Jan 2021. ISSN 2175-6236. <https://doi.org/10.1590/2175-6236109146>.

DUNKER, C.; PAULON, C.; MILÁN-RAMOS, J. G. *Análise psicanalítica de discursos: perspectivas lacanianas*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.

DUNKER, C. et al. **Ética e pós-verdade**. [S.l.]: Dublinense, 2017.

DUNKER, C. I. L. **Discurso e semblante**. São Paulo: nVersos, v. Leituras sobre Lacan; v. 1, 2017.

ESTEVIÃO, Ivan Ramos. **O complexo de Édipo**. São Paulo: Aller Editora, 2021.

FARIAS, Mychaell Dantas de. Homossexualidade nas telenovelas da TV Globo entre 2010 e 2020: um estudo de recepção sobre a contribuição das novelas na inclusão social para a comunidade LGBTQIA+. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

FAKE NEWS. *In*: Collins Dictionary Online. 2022. Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/english/fake-news> Acesso em: 10/20/2022

FERNANDES, Guilherme Moreira et al. Merchandising social como estratégia de inclusão de grupos marginalizados em telenovelas. Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional, v. 16, n. 16, p. 143, 2014.

FINK, B. **O sujeito lacaniano**: entre a linguagem e o gozo. Tradução de Maria de Lourdes Duarte Sette. Rio de Janeiro. Zahar, 1998.

Freitas, Riva Sobrado de e Castro, Matheus Felipe de. **Liberdade de expressão e discurso do ódio**: um exame sobre as possíveis limitações à liberdade de expressão. Sequência (Florianópolis) [online]. 2013, n. 66, Acessado em 15 Junho 2022, pp. 327-355. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2177-7055.2013v34n66p327>. Epub, 18 Ago 2016.

FREUD, S. **Estudos sobre a histeria**. Tradução de Laura Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, [1893 – 1895] 2021.

FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, [1900] 2019.

FREUD, S. **Psicopatologia da Vida Cotidiana e Sobre os Sonhos**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, [1901] 2021.

FREUD, S. **Análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, [1905] 1901] 2021.

- FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. [1905] 2021.
- FREUD, S. **Princípios básicos da psicanálise**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, [1913] 2020.
- FREUD, S. **Contribuição à história do movimento psicanalítico**, Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, [1914] 2017.
- FREUD, S. **Uma dificuldade da psicanálise**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, [1917] 2020.
- FREUD, S. **O Inquietante**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, [1919] 2020.
- FREUD, S. **Além do princípio do prazer**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, [1920] 2020.
- FREUD, S. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, [1930-1936] 2010.
- GRANON – LAFONT, J. **A topologia Jacques Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- JASPERS, Karl. Ciência e verdade (tradução de Antônio Abranches). **O que nos faz pensar**, [S.l.], v. 1, n. 01, p. 104-117, 1989. Disponível em: <<http://www.oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/index.php/oqnf/article/view/12>>. Acesso em: 15 de maio de 2022.
- JORGE, M. A. C. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan**, vil.1: as bases conceituais. Rio de Janeiro. Zahar, 2005.
- KARAM, F. J. C. Jornalismo e ética no século XXI. Anuário Unesco/ Metodista de Comunicação Regional, Ano 13 n. 13, p. 15 – 27, jan/ dez 2009a.
- KARAM, F. J. C. A moral profissional e a ética jornalística. 2009b Disponível em: <https://monitorando.files.wordpress.com/2009/09/moral-profissional-e-etica-jornalistica.pdf> Acesso em 18 de Fevereiro de 2022.
- LACAN, J. O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada *in* **Escritos**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, [1945] 1998.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu (tal como nos é revelada na experiência psicanalítica) *in* **Escritos**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, [1949] 1998.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem *in* **Escritos**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, [1953] 1998.

LACAN, J. **O Seminário, livro 1**: os escritos técnicos de Freud. Tradução de Betty Milan. Rio de Janeiro: Zahar, [1953-1954] 2009.

LACAN, J. **O Seminário, livro 2**: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Tradução de Marie Christine Laznik Penot. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor. [1954-1955] 2021.

LACAN, J. **O Seminário, livro 3**: as psicoses. Tradução de Aluisio Menezes. Rio de Janeiro: Zahar, [1955-1956] 1988.

LACAN, J. O seminário sobre "A carta roubada" *in* **Escritos**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, [1957] 1998.

LACAN, J. **O Seminário, livro 7**: a ética da psicanálise. Tradução de Antônio Quinet. Rio de Janeiro: Zahar, [1959-1960] 2008.

LACAN, J. **O Seminário, livro 10**: a angústia. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, [1962 - 1963] 2021.

LACAN, J. **O Seminário, livro 11**: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Tradução de M. D. magno. Rio de Janeiro: Zahar, [1964] 2008.

LACAN, Jacques. Ato de Fundação *in*: **Outros Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, [1964] 2003.

LACAN, J. A ciência e a verdade *in* **Escritos**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, [1966] 1998.

LACAN, J. **O Seminário, livro 16**: De um Outro ao outro. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, [1968-1969] 2008.

LACAN, J. **O seminário, livro 17**: o avesso da psicanálise. Tradução de Ary Roitman. Rio de Janeiro: Zahar, [1969-1970] 1992.

LACAN, J. **O seminário, livro 18**: de um discurso que não fosse semblante. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2009 [1971].

LACAN, J. **O seminário, livro 19**: ... ou pior. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, [1971 - 1972] 2012.

- LACAN, J. Du discours psychanalytique. Conférence à l'université de Milan. Traduzido por Sandra Regina Felgueiras, Recuperado em 21 de abril de 2009, Disponível em: <https://trilhardotorg.wordpress.com/2015/03/25/conferencia-de-lacan-em-milao-em-12-de-maio-de-1972-parte-2-traducao-de-sandra-regina-felgueiras/> [1972] 2015.
- LACAN, J. Televisão *in* **Outros Escritos**, Tradução de Vera Ribeiro, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, [1974] 2003.
- LACAN, J. Entrevista inédita de Jacques Lacan à revista italiana Panorama. Publicada por *Magazine Littéraire*, Paris, n.428, fev/2004.
- LÉVI – STRAUSS, C. Estruturas elementares de parentesco. São Paulo: Editora Vozes, 2012.
- LOLLO, Paolo. Os ofícios impossíveis e o chamado do real. **Reverso**, Belo Horizonte , v. 40, n. 75, p. 15-24, jun. 2018 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952018000100002 & lng= pt\ nrm=iso>. acessos em 13 abr. 2022.
- LAPLANCHE e PONTALIS. **Vocabulário de Psicanálise**. Tradução de Pedro Tamen. São Paulo, Martins Fontes, 2001.
- LONGO, JOSÉ LUÍS; D'AGORD, MARTA REGINA DE LEÃO. O saber no lugar da verdade e a verdade com o saber a mais. **Trivium**, Rio de Janeiro, 2012. 24-32.
- MAESSO, Márcia Cristina. A razão do diagnóstico em torno do ideal científico e a ruptura ética da psicanálise. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 2014, v. 30, n. 4, pp. 433-439. Disponível em: <>. Epub 20 Jan 2015. ISSN 1806-3446.
- MILLER, J. A. **Percorso de Lacan**: uma introdução, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1987.
- MIRANDA, Leonardo Lopes e CALDAS, Heloisa. **Considerações psicanalíticas sobre a pós-verdade e as malditas fake news**. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* [online]. 2021, v. 24, n. 03 [Acessado 30 Abril 2022] , pp. 560-574. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1415-4714.2021v24n3p560.5>>. Epub 08 Out 2021. ISSN 1984-0381. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2021v24n3p560.5>.
- MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**: understanding media. São Paulo: Cultrix. 1969.

NETO, A. N.; CINTRA, E. M. D. U. A pesquisa psicanalítica: a arte de lidar com o paradoxo. **ALTER – Revista de Estudos Psicanalíticos**, Brasília, 2012.

OPERATION InfeKtion. [S. l.]: New York Times, 2018. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/11/12/opinion/russia-meddling-disinformation-fake-news-elections.html>. Acesso em: 20 jan. 2022.

POLI, Maria Cristina. “Alienação” na psicanálise: a pré-história de um conceito. *Psyche* (São Paulo), São Paulo, v. 9, n. 16, p. 133-152, dez. 2005. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382005000200009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 08 abr. 2022.

POST TRUTH. *In: Oxford Learner’s Dictionaries*. 2022. Disponível em: <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/us/definition/english/post-truth?q=post+truth> Acesso em: 10/20/2022

QUINET, A. **A descoberta do inconsciente**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2000.

QUINET, A. **Psicose e laço social: esquizofrenia, paranóia e melancolia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

QUINET, A. **Os outros em Lacan**. Rio de Janeiro: [s.n.], 2012.

QUINET, A. **Édipo ao pé da letra: fragmentos de tragédia e psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2020.

SANTANA, Talles Garcia; DA ROSA, Lucia Regina Lucas; MAIA, Tatiana Vargas. Memória da telenovela do horário nobre da Globo nos anos 2000: a construção de um cotidiano cultural de inclusão e diversidade com o telespectador moderno. SEFIC 2020, 2021.

SILVA, DANIEL PEREIRA HOMOLOGIA ENTRE MAIS-VALIA E MAIS-DE-GOZAR NAS BASES DA SUBJETIVIDADE CAPITALISTA. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica* [online]. 2019, v. 22, n. 1 [Acessado 11 Junho 2022], pp. 123-133. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-14982019001012>>. ISSN 1809-4414. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982019001012>.

TFOUNI, L. V.; LAUREANO, M. M. M. Entre a Análise do Discurso e a Psicanálise, a Verdade do Sujeito — Análise de Narrativas Orais. **Revista Investigações - Linguística e Teoria Literária. Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco**, Recife, 2005.

TORRES, Ronaldo. **Discurso de Lacan: não há relação sexual**. São Paulo: Fantasma Editora, 2019.

ZIZEK, S. **Em defesa das causas perdidas**. Tradução de Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo, 2011.